

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**A ATUAÇÃO COM O ENSINO DO FUTSAL: O PERCURSO PESSOAL
E PROFISSIONAL NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA.**

Pietro Dalberto de Araújo

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2013

Pietro Dalberto de Araújo

**A ATUAÇÃO COM O ENSINO DO FUTSAL: O PERCURSO PESSOAL
E PROFISSIONAL NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Bossle

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2013

Pietro Dalberto de Araújo

**A ATUAÇÃO COM O ENSINO DO FUTSAL: O PERCURSO PESSOAL
E PROFISSIONAL NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA.**

Conceito Final:

Aprovado em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____ - UFRGS

Orientador - Prof. Dr. Fabiano Bossle - UFRGS

Ao concluir este trabalho, quero agradecer...

... aos professores da graduação Alberto Monteiro, Rogério Voser, Alex Fraga e, em especial ao professor orientador Fabiano Bossle, que muito me auxiliou nesta reta final do curso. Agradeço pelas aprendizagens, pela amizade e por estarem sempre à disposição. Realmente espero que um dia possa representar para meus alunos o que vocês representam para mim.

... às pessoas com quem trabalhei ao longo destes anos, José Luís Felippsen, Adilson César Eede, Juan Madeira, Gabriel dos Santos, Paulo da Costa e Matheus, pelo companheirismo e aprendizagens compartilhadas. Agradeço principalmente aos meus alunos que fazem com que a minha vontade de trabalhar com a educação física só aumente.

... à todos meus amigos. Do colégio, do futebol, da banda, dos escoteiros, da rua e da ESEF – em especial a turma de 2008/1 – pois em todos os momentos bons ou ruins, estavam me apoiando e incentivando e, por mais que passem os anos a consideração permanece.

... à Angela Brandão e sua família, uma pessoa especial em minha vida, minha Preta e a melhor namorada do mundo.

... por fim, à minha família, sem o apoio de Dalberto's e Araújo's talvez este momento não fosse possível, sou muito grato pela confiança que depositaram em mim. Agradeço especialmente à meu primo (Miguel Dalberto), meu padrinho (André Araújo), minha irmã (Dafny Candal), meu pai (Flávio Araújo) e minha mãe (Nociara Dalberto), pessoas que eu amo incondicionalmente. São meus exemplos e quero dar muito orgulho à eles.

RESUMO

O presente estudo é um trabalho de conclusão de Curso de Educação Física. Trata de investigar as aprendizagens com o ensino do futsal em duas escolinhas. O problema de pesquisa formulado foi: **como as aprendizagens do percurso pessoal e profissional de um professor de educação física contribuem com sua atuação no ensino do futsal?** Este é um estudo qualitativo, em forma de autonarrativa, que teve por objetivo relatar a experiência do autor nesta modalidade, descrevendo algumas vivências do ensino do futsal para jovens em diferentes contextos, discutindo pontos relevantes para a construção desta docência como: a formação inicial, os valores trazidos pelo esporte, o contato prévio com a modalidade e, as diferentes metodologias de aprendizagem deste esporte. Focando no processo de construção da identidade docente, ou seja, como nos tornamos professores, foi possível verificar a importância de uma qualificação na formação dos profissionais de Educação Física, para que estes tenham a capacidade de ação e reflexão, exercitando uma ação pedagógica comprometida com a totalidade do processo educativo. Ao investigar esta prática pedagógica, fica clara a necessidade de que se perceba o esporte através de uma perspectiva mais ampla de entendimento, pois só assim os alunos poderão usufruir dos benefícios do futsal, que incluem o desenvolvimento da coordenação motora, a promoção dos valores humanos e resgate da cidadania, entre outras inúmeras possibilidades que a prática esportiva pode trazer.

Palavras-chave: Futsal. Educação Física. Esporte. Autonarrativa.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 CONTATO INICIAL COM O ESPORTE	7
2 REVISÃO DE LITERATURA	10
2.1 O FUTSAL	10
2.2 FORMAÇÃO INICIAL.....	15
2.3 VALORES NOS ESPORTES COLETIVOS E NO FUTSAL.....	18
2.4 METODOLOGIA DO ENSINO DO FUTSAL.....	22
3 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	28
4 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

O futsal é um esporte muito praticado no Brasil. Por suas características tem sido amplamente escolhido por crianças no processo de iniciação esportiva. A seleção brasileira de futsal tem, inclusive, títulos mundiais nesta modalidade, o que ajuda na promoção de novos adeptos. Em boa parte dos Cursos de formação de professores de educação física o futsal se constitui em disciplina, onde são aprendidas a história, as metodologias e as técnicas do ensino desta modalidade. Mas, como cada um escolhe e desenvolve o processo de ensino do futsal? Amparado em quais referenciais? Como aproxima o que aprendeu anteriormente com o que vai desenvolver com crianças e jovens? O que privilegia no ensino do futsal? Enfim, são questões que me inquietam há algum tempo.

Por isto resolvi pesquisar minha própria prática profissional. Escolhi o método autonarrativo porque entendo que as experiências individuais e como cada um compreende a si mesmo são fundamentais para ensinar algo para alguém. Com este objetivo, de relatar minhas experiências nesta modalidade, descrevendo algumas vivências do ensino do futsal para jovens em diferentes contextos, discutindo pontos relevantes para a construção desta docência como: a formação inicial, os valores trazidos pelo esporte, o contato prévio com a modalidade e, as diferentes metodologias de aprendizagem deste desporto, formulei o seguinte problema de pesquisa: **como as aprendizagens do percurso pessoal e profissional de um professor de educação física contribuem com sua atuação no ensino do futsal?** Esta é a questão que norteia e orienta minha reflexão neste estudo. O que quero é aprender comigo mesmo. Sei que a tarefa não é fácil, mas pretendo mostrar o valor das reflexões e dos estudos autorreferentes na formação de professores. Entendo que compreender a si mesmo, suas experiências práticas, suas próprias crenças e contrastar com a formação inicial e as literaturas de suporte são fundamentais para me constituir em um bom professor. Sigo a introdução apresentando como me aproximo do futsal.

1.1 CONTATO INICIAL COM O ESPORTE

Lembro-me que desde muito pequeno o “brincar de bola” foi sempre uma atividade que se fez presente em meu dia-dia, mas a verdade é que este meu fascínio pela bola é bem mais antigo do que a minha memória consegue lembrar. Posso afirmar isto baseado em alguns relatos que ouvi serem repetidos inúmeras vezes por meus pais, como na história em que contam que durante a Copa do Mundo de 1990, mais ou menos um ano após meu nascimento, finalmente meus pais tiveram a oportunidade de me ouvir falar pela primeira vez. Contrariando qualquer expectativa que eles pudessem ter minha primeira palavra não foi “mamãe”, muito menos “papai”, e sim um sonoro “GOL!”. Sem dúvida esta é uma parte relevante e de indiscutível importância para minha trajetória no esporte, mas agora acho que devemos seguir ao que de fato me recordo.

É bem verdade que as lembranças dos primeiros contatos que tive com a bola ainda estão frescas em minha memória, afinal como anteriormente já afirmei, ela sempre foi algo de grande significância em minha vida. Recordo-me de estar sempre em busca de companhia para driblar, passar e chutar e, se por um caso esta busca fosse infrutífera, acabava por desafiar a mim mesmo. Nada era empecilho para que eu me divertisse ao chutar uma bola, nem mesmo os diversos objetos que quebrei dentro de casa e, que me custaram muitos castigos, nem mesmo a falta de uma bola, pois na escola, por exemplo, pinhas, pedras e latinhas de refrigerante amassadas alegravam nossos recreios suprimindo a ausência de uma bola. Em função disto eram recorrentes tênis furados e calças remendadas com couro nos joelhos ao longo da vida escolar. Aliás, a escola sempre foi um fomentador desta paixão que alimentei pelo “jogar bola”, quase todos os intervalos eram dedicados a esta atividade, além é claro das próprias aulas de educação física em que a prática do futsal era sempre a requerida pelos alunos.

Ainda houve outras pessoas e episódios que marcaram essa fase, uns pela frequência com que aconteciam, outros pela intensidade. Minha avó paterna, por exemplo, foi uma figura bastante ativa neste contexto, uma vez que se rendia aos meus insistentes apelos e me acompanhava com certa regularidade na brincadeira. Também me lembro da sensação de assistir meu pai jogar, algo que foi determinante na minha identificação com o futsal, pois quando pequeno sempre o

acompanhava até o ginásio da minha escola onde ele se reunia com outros pais de alunos para jogar, enquanto eu torcia na arquibancada para que sobrasse uma vaga e eu também pudesse participar do jogo. Outro que tem participação relevante em minha trajetória é meu padrinho, que acabou contribuindo como responsável pelas inesquecíveis idas ao estádio de futebol. Mesmo em uma década de muito sofrimento para o clube em questão, as relações construídas naquelas partidas em que assistíamos, participando das vivências daquele ambiente, ouvindo a torcida, sentindo o clima proporcionado pelo espetáculo, contribuíram de modo incomensurável em meu apreço pelo esporte.

Mas voltemos ao contexto escolar, pois entendo que neste momento se faz importante falar a respeito da relação do futebol e do futsal. Em um país como o Brasil, em que a cultura do futebol é muito forte, facilmente encontraremos crianças sonhando com a possibilidade de se tornarem jogadores profissionais. Isto tem relação direta com uma série de fatores principalmente associados à mídia, que exerce incontestável influência em nossas vidas. Neste ponto podemos dizer que o número de adeptos desta prática é enorme, e talvez seja aí que aparecem as mais diversas formas de “jogar bola”, justamente pela variedade e criatividade daqueles que participam da atividade além é claro das questões práticas, que se refletem nas dificuldades de espaços próprios, material esportivo adequado, entre outros. Por esta série de fatores o futsal apresenta-se como uma alternativa muito positiva para suprir estas dificuldades no âmbito escolar.

Aqui entramos em um capítulo à parte em minha trajetória, onde gostaria de contar sobre minhas vivências em escolinhas de iniciação esportiva bem como as práticas livres (sem orientação) na rua ou em outros ambientes. Ainda quando pequeno, incentivado por meus pais, participei de algumas escolinhas de futsal, primeiramente em minha escola e depois no Colégio Militar, passando também pelo futebol de campo na Escola Rubra do Sport Club Internacional, o que sem dúvida foi de grande aprendizado para mim. Saber lidar com as diferenças, aprender a competir, aprimorar alguns gestos motores e ter os primeiros contatos com a tática do jogo foram alguns dos pontos positivos que cito desta experiência. Igualmente à iniciação orientada a prática livre também teve grandes contribuições em meu percurso. Lembro-me de passar o dia inteiro no meio da rua jogando bola no asfalto e, de como minha mãe me fazia cumprir todas as obrigações de casa como secar a louça e levar o lixo pra rua, antes de me liberar. Um fato curioso é que meus amigos

que não ajudavam em suas próprias casas, acabavam me auxiliando nas tarefas para que eu me liberasse mais rápido e pudéssemos todos brincar. Posso dizer que também aprendi muito naquele ambiente, jogando naquelas condições, convivendo com meninos de diversas classes econômicas, com tijolos servindo de traves, utilizando o meio-fio para tabelar e driblar os adversários, desafiando por vezes os irmãos mais velhos dos meus companheiros de “pelada”.

Creio que todos estes pontos que citei anteriormente acabaram de certa forma contribuindo para a escolha que fiz no vestibular de 2008. Naquela oportunidade após duas tentativas frustradas para comunicação social, pensei que deveria me candidatar a uma vaga em um curso que tivesse alguma significância para mim e, que de fato pudesse trazer uma contribuição relevante para o sentimento de realização profissional e pessoal. Claro que ouvi uma série de comentários desagradáveis e, estes ainda são ouvidos em determinados momentos, em relação à profissão de professor, como o desgaste, o baixo salário, entre outros. Novamente o apoio de meus pais foi imprescindível e, ao contrário de alguns minha mãe em especial vislumbrou que a trajetória nesta profissão seria proveitosa.

Não sei ao certo quando, só o que sei é que em determinado momento comecei a enxergar com outros olhos todo esse contexto no qual eu estava entrando, e pude encarar a Educação Física, a Escola e o Esporte não mais como um simples lazer, mas também como a minha profissão.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O FUTSAL

O futsal é um dos esportes mais populares no Brasil e podemos dizer que também ocupa grande espaço no cenário mundial, sendo que mais de 70 países praticam este desporto. A facilidade de encontrarmos hoje meninos e meninas disputando uma bola em alguma quadra seja em uma escola, clube ou até mesmo praça, favorece em muito a prática do futsal, incentivando a iniciação, o desenvolvimento e o treinamento deste esporte.

O surgimento do futsal é sem dúvida um ponto polêmico no qual devemos nos deter por alguns instantes apontando as duas versões defendidas por diversos autores. Teixeira Júnior (1992) e Figueiredo (1996), por exemplo, defendem a idéia de que o futsal surgiu no Brasil, mais precisamente em São Paulo ao final da década de 30, contrariando Lucena (1994) e Apolo (1995) que acreditam que este esporte deu seus primeiros passos em terras uruguaias, sendo concebido na Associação Cristã de Moços de Montevidéu pelo professor Juan Carlos Ceriani.

Esta segunda teoria ganha força se observarmos o contexto dos anos 20 e 30 em que encontramos o Uruguai, onde a valorização do futebol sofreu um crescimento exponencial, uma vez que o país havia se tornado Bi-Campeão Olímpico (1924 – 1928) e a primeira seleção campeã da Copa do Mundo de Futebol (1930), sediando este evento. A partir daí a prática do futebol se disseminou rapidamente por todo o país e, na falta de campos propícios, qualquer espaço tornava-se local para jogar. Juan Carlos Ciani percebendo então, a partir de tamanha procura, os empecilhos encontrados pelos jovens praticantes resolveu adaptar o esporte criando assim as primeiras regras do futsal, que naquela época ainda era tido como *indor-foot-ball*, afirma Tenroller(2006).

Outros esportes foram fundamentais para a criação das regras do futsal, o basquete, o pólo aquático, o handebol e o próprio futebol contribuíram servindo de base para que esta nova prática pudesse desenvolver-se. Em contraponto algumas características muito singulares apareceram logo em seguida, segundo Melo e Melo

(2008) a bola utilizada foi uma das peculiaridades apresentadas pelo desporto que, em função das quadras, deveria ser menor e mais pesada, facilitando o controle dos praticantes.

Alguns autores como Voser (2003) consideram que a disseminação do esporte pela América do Sul, inclusive no Brasil, pode ter iniciado através de um curso promovido no Uruguai patrocinado pelo Instituto Técnico da Federação Sul Americana das ACM's, onde foram distribuídas cópias com as primeiras regras do futsal. No Brasil, assim como em solo Uruguaio, a prática desta modalidade desportiva proliferou-se rapidamente, o que Tenroller (2006) explica ser uma das causas que propiciaram a criação da teoria de que a ACM de São Paulo é que seria a precursora do futsal.

Devido à tamanha difusão, o futsal que até então era praticado prioritariamente por jovens, passa a ser uma prática comum também entre os adultos, fazendo com que esta popularidade explicitasse a necessidade da criação de um órgão organizador. Neste processo de institucionalização do futsal, a primeira federação que surge em nosso país é a do Rio de Janeiro (FFSERJ), que logo em seguida iria contar com a companhia de outras federações espalhadas por quase todos os estados brasileiros. Aqui no estado do Rio grande do Sul, após ser fundada pela ACM de Porto Alegre em 1956, a Federação Gaúcha de Futebol de Salão ganhou fama por revelar grandes profissionais da modalidade ao longo dos anos.

Mesmo com o surgimento destas diversas Federações Regionais, o futsal ainda não havia conseguido unificar suas regras de modo consistente em todo território nacional, até o ano de 1957, quando então a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) criou o conselho Técnico de Futebol de Salão, que teve por objetivo conciliar as divergências dirigindo o destino do futsal. Neste mesmo ano, segundo o site da CBFS¹, a tentativa de criar uma instituição própria para a organização do esporte em âmbito nacional foi frustrada pelo Conselho Nacional de Desportos. Dois anos depois, eis que o primeiro campeonato brasileiro de futebol de salão é disputado na cidade de São Paulo, sagrando a seleção do Rio de Janeiro como campeã.

Em 1969 a fundação da Confederação Sul-Americana de Futebol de Salão (CSAFS) deu-se frente ao crescimento e valorização do esporte em vários países da

¹CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO. Disponível:
<http://www.futsaldobrasil.com.br/2009/cbfs/historico.php>. Acesso em: 20 ago 2013.

América do Sul, possibilitando assim os primeiros campeonatos internacionais de seleções e de clubes segundo Tenroller (2006). É por volta desta época que alguns países do velho continente também passam a praticar o futsal, muitas vezes como opção complementar ao futebol de campo, sendo a Holanda o primeiro país europeu a regulamentar o futebol de salão.

Aqui um jogo político de muita força entra nas quadras, pois em 1971 por uma iniciativa da CBD e da CSAFS é fundada a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA). Esta foi a primeira Federação Internacional a gerenciar o Futebol de Salão, contando com 32 países filiados unificou regras e organizou campeonatos pelo mundo. Já o futsal brasileiro continuou subordinado a CBD até 1979, até que vinte e dois anos após a primeira tentativa, quando os esportes brasileiros que não tinham Entidades Nacionais organizadas sofreram transformações, sendo a principal delas a extinção da CBD, finalmente foi fundada a Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS).

Segundo o site da AMF², já na década de 80, a FIFUSA organizou o Primeiro Campeonato Mundial de Futebol de Salão, contando com a presença de Argentina, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Holanda, Itália, Japão, México, Paraguai, Tchecoslováquia e Uruguai, onde a seleção Brasileira sagrou-se como a grande campeã. Este Mundial realizado em 1982 tinha a intenção de aumentar a visibilidade deste esporte, divulgando ainda mais esta prática, mas o que os organizadores não esperavam era o interesse que isto despertaria na Entidade Máxima de Futebol, a FIFA.

A partir daí, a FIFA começa a divulgar nos órgãos de comunicação o desejo de controle deste esporte, criando inúmeros empecilhos para as competições patrocinadas pela FIFUSA, ameaçando redigir novas regras para o futebol de salão. Sem sucesso, graças ao grande esforço dos dirigentes da FIFUSA, a FIFA tenta um primeiro acordo que não é concretizado. Não satisfeita a FIFA tenta outra investida ao proibir o uso da palavra “futebol” obrigando a FIFUSA a criar o termo “futsal” como substituto do até então conhecido “futebol de salão” Melo e Melo (2008). Mesmo assim, mais dois campeonatos mundiais foram organizados pela FIFUSA nos anos de 1985 e 1988, sendo Brasil e Paraguai os respectivos vencedores. A segunda tentativa de acordo entre FIFA e FIFUSA acabou por ter o mesmo fim que

² ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE FUTSAL. Disponível em: <http://www.amfutsal.com.py/v1/antecedentes/>. Acesso em: 20 ago 2013.

a primeira, acarretando a criação do concorrente do Futsal, o “Futebol de Cinco” por parte da FIFA. O próximo passo que a FIFA arquitetou foi a organização de um Mundial de Futebol de Cinco, realizado na Holanda no ano de 1989, onde a seleção brasileira representada pela equipe do Bradesco do Rio de Janeiro saiu vencedora. Eis então que surge a terceira tentativa de acordo proposta pela FIFA, sendo mais uma vez rechaçada pela FIFUSA.

O Brasil mesmo com a conquista do título mundial da FIFA, mostrou-se favorável a resistência da FIFUSA, uma vez que o futebol cinco não teve grande desenvolvimento no país. Porém em 1990 o Brasil acabou cedendo à pressão política e, pediu o desligamento de forma pacífica junto à FIFUSA. Com o aval de 26 Federações Regionais ligadas à CBFS, filiou-se à FIFA levando consigo o nome Futsal e adotando as novas regras do jogo. Segundo Melo e Melo (2008) esta provavelmente tenha sido a maior vitória da FIFA em relação a obter o domínio o futebol de salão, afinal o Brasil era sem dúvida uma potência neste esporte e, grande parte da força da FIFUSA estava atrelada ao nosso país.

Outro ponto chave na história do futsal foi o surgimento da Confederação Pan-Americana de Futsal (PANAFUTSAL), que diante da grande confusão pela disputa de poderes do futebol de salão, veio no intuito de fortalecer a resistência contrária à FIFA. Foi fundada por dirigentes das federações de futebol de salão de Paraguai, Colômbia, México, Uruguai, Argentina, Venezuela, Costa Rica, Porto Rico e Bolívia. Segundo site da CNFS³, por algum tempo a PANAFUTSAL passou a organizar os campeonatos pan-americanos e mundiais de futebol de salão da FIFUSA paralelamente aos eventos da FIFA, mas acabou por extinguir esses dois campeonatos pela dificuldade de conseguir Federações filiadas.

Com a CBFS filiada à FIFA, surge no país a Associação Brasileira de Futebol de Salão (ABFS) que filiada à FIFUSA passa a disputar seus campeonatos. Esta ABFS que mais tarde iria tornar-se Confederação Nacional de Futebol de Salão (CNFS), como ainda hoje é conhecida. Criou-se então uma situação desconfortável, pois a CBFS insatisfeita passa a fazer certas retaliações à ABFS que, diga-se de passagem, de nada adiantaram. Assim, neste contexto extremamente desorganizado e de forte batalha de interesses políticos, as duas entidades de âmbito internacional passam a organizar campeonatos paralelos. Até que no ano de

³ CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE FUTEBOL DE SALÃO. Disponível em: <http://www.cnfsfutsal.com.br/historico.php>. Acesso em: 13 out. 2013.

2000, uma nova tentativa de buscar um acordo entre os dois lados para que fosse feito um trabalho em conjunto, entre FIFA e PANAFUTSAL, sem relação de dependência é finalmente firmado. No entanto, a parceria não vingou e novamente as entidades seguiram em caminhos opostos. Enquanto a FIFA, com a promessa de padronizar as regras e difundir a prática pelo mundo, seguiu seu projeto apropriando-se do nome de futsal, a FIFUSA incentivou a criação de novas Federações Continentais reagrupando as já existentes relacionadas ao futebol de salão.

No ano de 2002, por divergências entre seus dirigentes, acontece a dissolução da Federação Internacional de Futebol de Salão. A partir daí, a PANAFUTSAL e outras Federações Internacionais, pensando em dar seguimento à prática do futebol de salão “tradicional”, apóiam a criação de uma nova entidade de âmbito internacional: a Associação Mundial de Futsal (AMF). Segundo seu site oficial, esta nova instituição, contando com 24 países filiados e com sede no Paraguai, passa a organizar suas próprias competições, sendo a principal delas o Mundial de Seleções.

Frente a esta realidade podemos dizer que existem dois segmentos hoje relacionados ao futsal/futebol de salão. O primeiro segmento, regido pela AMF, busca preservar as regras originais do jogo, enquanto o segundo ministrado pela FIFA tem como objetivo dinamizar o jogo através de algumas mudanças na regra. É verdade que as semelhanças são muitas entre as regras de um e de outro, mas mesmo assim, as pequenas diferenças existentes acabam por influenciar de maneira considerável a prática deste desporto. No Brasil a FIFA reconhece a CBFS como gestora do futsal, e encontra-se segundo Melo e Melo (2008) em plena evolução, enquanto a CNFS é filiada à AMF e ainda caminha a passos lentos. Em relação aos campeonatos mundiais e a seleção Brasileira devemos especificar que inicialmente os três primeiros foram organizados pela FIFUSA (1982, 1985, 1988) enquanto ainda não havia divisões no esporte, em seguida vieram mundiais da PANAFUTSAL/AMF (1991, 1994, 1997, 2000) e da FIFA (1989, 1992, 1996, 2000, 2004, 2008, 2012) paralelamente, contabilizando um total de sete títulos mundiais para a seleção Brasileira, dois pela FIFUSA e cinco pela FIFA.

Segundo Voser (2003) alguns motivos causados pelas alterações nas regras (modelo da FIFA) contribuíram com o crescimento do esporte, uma vez que a dinâmica do jogo foi favorecida atraindo interesse da mídia e de patrocinadores,

facilitando a profissionalização no esporte. Apesar da valorização do futsal, existem alguns espaços em que o esporte ainda busca evoluir, como por exemplo, nos jogos olímpicos. Atualmente há uma forte campanha para que o futsal passe a integrar o programa das olimpíadas, sendo possível afirmar que este é o grande sonho dos fãs do futsal, apesar de o jogo político e a menor adesão de mulheres no esporte acabarem enfraquecendo o desporto nesta batalha, conforme defendem Vieira e Freitas (2007). A respeito do futsal feminino é importante salientarmos que mesmo que ainda esteja menos desenvolvido que o futsal masculino, o considerável crescimento desta modalidade tanto no Brasil, como no Mundo é visível. A CBFS vem organizando campeonatos nacionais desde 2005 e, o investimento das Federações Internacionais tendem a aumentar ainda mais, uma vez que, apesar de ainda não reconhecidos pela FIFA, três Torneios Mundiais já foram realizados (sendo o Brasil campeão em todas as oportunidades) como eventos teste, para quem sabe futuramente, possa vir a acontecer a Copa do Mundo de Futsal Feminino, dando assim o merecido reconhecimento às mulheres praticantes desta modalidade.

Como referência neste trabalho, irei me apropriar deste conceito de futsal de maior visibilidade, que vem sendo trabalhado nas escolas e clubes de todo o país.

2.2 FORMAÇÃO INICIAL

A Educação Física, desde seu princípio, foi uma área que apresentou preocupação com a formação de seus futuros instrutores/professores, ponderando o que deveria estar presente no currículo de seus alunos. Pode-se dizer que inicialmente esta formação tinha um caráter tecnicista, uma vez que buscava instrumentalizar seus alunos de modo que eles pudessem aplicar lições de ginástica, provenientes dos métodos ginásticos europeus. Já no final da década de 1940, a formação de professores de Educação Física começa a ser proposta de modo que o esporte competitivo se faz mais presente. A partir da reformulação e divisão do curso ocorrida em 1987 – consolidada apenas em 2004 –, o currículo passa a ter a intenção de diferenciar os profissionais atuantes dentro ou fora da escola, o que

inevitavelmente acarreta uma série de críticas em relação à real finalidade desta nova formatação.

A Escola de Educação Física (ESEF) acompanhando este processo histórico surge em um cenário onde a Educação Física tem como diretriz de sua formação superior concebida em pressupostos teóricos e de lógica organizacional médico-militar. A ESEF passa então a oferecer em 1941 um curso com predomínio de disciplinas de instrumentalização prática como os demais cursos criados no início do século XX. Este panorama perpetua-se pelos primeiros trinta anos da Escola, até que em 1969 uma mudança estrutural bastante significativa acontece, quando ao ser incorporada à UFRGS, a ESEF sob influência da implantação da Reforma Universitária, ocorrida no ano anterior, passa a acreditar em uma concepção de educação que tinha o esporte como elemento central, o que acaba tornando-o ferramenta de propaganda do regime militar.

Em 1987 o curso de Educação Física passa por uma fragmentação em sua formação, dividindo-se nas modalidades de licenciatura e bacharelado, em decorrência da Resolução 03/1987. A verdade é que nesta época pouquíssimas escolas, incluindo a ESEF, aderiram a esta nova formatação do currículo, pois acreditavam que a habilitação da Educação Física deveria continuar unificada, formando acima de tudo professores, para atuar tanto na escola quanto em outros espaços. Mas em 2004, com a homologação da Resolução n. 7/2004, que instituiu para os cursos de graduação em Educação Física as Diretrizes Curriculares, a ESEF reformula seu currículo novamente, dividindo o curso e disponibilizando finalmente as habilitações em licenciatura e bacharelado.

Esta nova formatação do currículo acabou contribuindo de maneira muito mais negativa do que positiva se pensarmos no contexto da formação e atuação profissional, apesar disto não podemos desconsiderar que a partir desta modificação o conhecimento pedagógico específico da Educação Física Escolar torna-se mais evidente, principalmente em função de alterações promovidas pelas resoluções n.1 e n.2/2002 que instituíram as diretrizes curriculares, propondo a inserção de disciplinas mais voltadas à especificidade pedagógica da área. Mesmo assim, sem muita demora as críticas à fragmentação do curso começam a surgir, focando principalmente na similaridade entre as duas habilitações, fazendo com que mais uma vez uma reestruturação curricular despontasse como solução. Desta vez a proposta de uma nova configuração curricular, tentava fazer com que os alunos

participassem ativamente deste processo de construção, auxiliando na descoberta de quais os elementos requeridos nos cenários de prática profissional de um professor de Educação Física.

Segundo Projeto Pedagógico do Curso (PPC), o currículo oferecido hoje na ESEF considera a Educação Física como uma área de intervenção cujos objetos de ação são as práticas corporais sistematizadas (esportes, práticas corporais expressivas, ginásticas, jogos, lutas), para tanto, algumas competências se fazem necessárias como, por exemplo, gerir modalidades, ações e programas educacionais que envolvam práticas corporais considerando o contexto sociocultural. Ainda no PPC podemos encontrar a organização deste currículo disposta em três eixos de formação (Eixo de Formação Geral, Eixo de Formação Específica e Eixo de Formação Orientada), compostos por diferentes núcleos de conhecimento, que por sua vez, são constituídos por diferentes disciplinas. Os dois primeiros eixos são comuns a todos os alunos do curso de graduação em Educação Física sendo que apenas no último eixo a formação de fato divide-se para licenciados e bacharéis. É no segundo eixo, o da Formação Específica, mais precisamente no núcleo de práticas corporais sistematizadas, um dois oito que subdividem este eixo, que podemos encontrar disciplinas que propiciam ao aluno o aprendizado de habilidades relacionadas ao conhecimento do esporte, das ginásticas, das danças, dos jogos e dos exercícios físicos. É neste contexto que encontramos a disciplina de Futsal, que tem por objetivo apresentar aos alunos os saberes sobre o conhecimento e o ensino dos fundamentos técnico-táticos e das regras, além de estimular o exercício de elaboração e aplicação de planos de aula e/ou treinamento do futsal. Esta é uma disciplina obrigatória alternativa, ministrada pelo professor Rogério da Cunha Voser desde o ano de 2007, possuindo uma carga horária de 60 horas (45h Teórico-práticas e 15h Práticas como componente curricular).

A verdade é que até hoje a formação dividida recebe duras contestações sobre sua real funcionalidade. E nesta busca pelo verdadeiro papel da licenciatura e do bacharelado, surgem alguns questionamentos em comum, como a preocupação com a sociedade na qual o profissional está inserido. Afinal, devemos considerar as constantes alterações da sociedade como elementos fundamentais na transformação do papel do professor na vida escolar, uma vez que este não possui apenas a simples função de transmitir o conhecimento, mas sim de formar cidadãos

críticos e atuantes em suas comunidades. Caldeira (2001), ao refletir sobre quais habilidades são necessárias para que o professor de Educação Física consiga construir um trabalho qualificado, cita, por exemplo, o reconhecimento do caráter subjetivo e social no trabalho docente, o trabalho coletivo na escola, a intencionalidade do trabalho docente e a articulação teórico-prática no processo de formação. Sendo que este processo de formação deve ser considerado sempre inacabado, reconhecendo a escola como um privilegiado espaço de formação pessoal e profissional.

Conforme afirma Figueiredo (2004), a Educação Física hoje é uma área que busca apropriar-se das diversas dimensões das atividades corporais, abordando ao longo do curso, não apenas questões de aptidão física, como também questões sociais, culturais e biológicas relevantes para a formação profissional, apresentando uma realidade diferente do que muitos alunos que ingressam no curso esperam encontrar. O autor salienta, a importância de refletirmos sobre o papel da formação inicial e do currículo em um curso de Educação Física, afinal saber que tipo de profissional as universidades irão formar, pensando em quais espaços ele estará apto a atuar, é sem sombra de dúvidas, algo de real importância. Além deste, outros autores como Schon (2000), vem investigando esta complexa realidade da formação docente, defendendo que o professor deve estar em constante reflexão a respeito de sua prática, afim de que esta esteja igualmente se modificando de acordo com o cotidiano escolar, pois é através das experiências que o professor irá conseguir transformar esta prática em algo consideravelmente melhor.

2.3 VALORES NOS ESPORTES COLETIVOS E NO FUTSAL

É sabido que os esportes coletivos desempenham um papel de grande importância na formação do homem, contribuindo para a socialização, educação, saúde e construção de valores como afirma Almeida (2009). Corroborando com tal pensamento Proença e Constantino (1998) e Mariovet (1998) defendem que os valores, a saúde, a estruturação do caráter e também a interação social são os principais elementos contemplados pelo esporte. Huizinga (1993) manifesta outro ponto relevante e, apresenta o desporto como um fomentador do desenvolvimento

da personalidade e do equilíbrio emocional, graças ao sentido de liberdade que este desperta.

Porém, o esporte coletivo também proporciona aos seus praticantes um evento que gera controvérsia no panorama da pedagogia do esporte: a competição. Afinal, disputar é elemento fundamental do esporte e que dá sentido à sua existência. Isto de fato implica uma necessidade de se aprender a competir à qualquer ação de ensino aprendizagem do esporte segundo Scaglia; Montagner e Souza (2001) e Scaglia e Gomes (2005). De acordo com Marques (2004), não é de hoje que a competitividade existe, por isso não faz sentido pensar no esporte da criança excluindo-os da competição, afinal ela é algo normal em nossa natureza desde a existência do ser humano.

O envolvimento da criança no processo competitivo esportivo tem causado as mais diversificadas opiniões graças a aspectos sociais, psicológicos e biológicos que vem sendo estudados sob as diversas perspectivas do competir Strapassola; Ruschel e Krebs (2009). Segundo Sousa e Venditti Jr. (2009) a valorização demasiada da competição tem feito as crianças sofrerem uma exigência física e técnica exagerada em sua fase de desenvolvimento. Já Scaglia; Montagner e Souza (2001) afirma que a partir das virtudes educativas existentes na competição, como o valor sócio-cultural na coexistência, a busca pelo equilíbrio entre as relações de prática e resultado, fortalecimento das relações interpessoais e valores de humanização, podemos formar o caráter das crianças contribuindo para a construção de um mundo melhor Reverdito *et al.* (2008). Indo ao encontro deste pensamento Marques (2004) afirma que pela competição a criança tem a possibilidade de mostrar o que é capaz de fazer, de se superar, de criar perante o meio em que convive um bom status social. Geralmente a criança que cria essa boa imagem social, é seguida pelos seus amigos, por questões de valores atreladas ao fato de se destacar nos esportes. O autor ainda afirma que o esporte e a competição são instrumentos e, como tais devem ser exploradas de modo que trabalhem o resgate dos valores e princípios humanos. Não podemos levar a competição simplesmente como algo negativo, mas sim como um elemento que possa contribuir com o aprendizado e a estruturação do caráter.

Vencer ou perder, não se configura como o mais importante na perspectiva defendida por Moreno (2012), uma vez que a vitória ou a derrota não dependem somente dos jogadores dentro de campo e sim de um todo, de quem joga, quem é

reserva, treinadores, espectadores, entre outros. Segundo Gaya e Torres (2004), ganhar e perder são contingências do esporte, e talvez a sua prática seja a melhor forma de aprendermos a conviver com ambas as faces da disputa. Para Marques (2004) um código de conduta que preceitue as relações no desporto e também tenha sentido para a vida deve ser constituído pela aceitação da derrota e da nobreza na vitória.

Neste ponto acredito ser importante apontar alguns questionamentos relacionados aos valores do esporte que, sem dúvida, irão auxiliar a nortear esta pesquisa. Afinal, esta apropriação de valores, que seguidamente aparece atrelada à ideia de uma prática construtiva dos esportes coletivos, se dá de que maneira? O que são e quais são esses valores que podem ser apreendidos pelos praticantes a partir da participação nos esportes coletivos? Tais valores de fato auxiliam na formação de cidadãos conscientes de uma sociedade mais justa e igualitária?

Segundo Garcia (2004) ao falarmos de valores, estamos inevitavelmente falando da axiologia, uma das áreas da filosofia. Imerso neste contexto os valores apresentam-se de modo hierárquico, sendo classificados como valores vitais ou econômicos, valores práticos ou de utilidade, valores hedonísticos ou de prazer, valores estéticos ou de beleza, valores éticos ou do bem, valores religiosos ou sagrados e valores lógicos ou da verdade. Hessen (2001) por sua vez divide estes mesmos valores em duas classes fundamentais: de valores sensíveis, que referem-se ao homem como simples ser da natureza e, de valores espirituais, que referem-se ao homem como ser espiritual.

É importante salientar, como afirma Piaget (1965), que cada homem irá hierarquizar seus valores de modo único e pessoal. O homem crê nesta multiplicidade de valores, tomando partido e vivendo todos eles, mas em diferente intensidade, podendo ao longo da vida acentuar ou diminuir a relevância de determinado valor e assim dar sentido à sua existência. Segundo Ibañez (1976) os valores são uma experiência inevitável, sendo que as atitudes são a expressão destes valores. O autor ainda aponta que o Homem é aquele que edifica sua vida pela realização dos valores. Nesta linha de pensamento Resweber (2002) critica a sociedade ao dizer que não faltam valores ao mundo, e sim que os sujeitos é que faltam aos valores.

Em relação aos valores do esporte coletivo Garcia (2004) afirma que pelo desporto concretizar-se no ser humano e não em um determinado valor, a prática

desportiva abrange todas as formas de valores já comentadas. Ou seja, tudo depende de questões como a vontade pessoal, a moda, ou a interpretação para determinar quais valores irão ser priorizados na pirâmide axiológica do esporte coletivo. Seguindo, o autor defende que os valores podem ser reorganizados ao longo do tempo, assim como em muitas outras atividades humanas. Moreno (2012) cita o pensamento de Aguiar (2011), autor que defende a ideia de que seria um erro trabalhar questões técnicas/táticas dos esportes coletivos separadamente dos aspectos filosóficos/axiológicos.

Várias são as questões que devemos salientar ao pensarmos na construção de valores promovida pelos esportes coletivos. Primeiramente devemos dizer que este processo está diretamente relacionado ao processo de formação cultural de uma determinada sociedade. Bracht (1992), afirma que ao induzir o sujeito a internalizar valores e normas de comportamento que possibilitarão sua adequação à estrutura social, o esporte torna-se um meio educativo e sendo assim, necessita de ações pedagógicas que levem ao questionamento e não ao acomodamento. Mora (1982) por sua vez, salienta a importância da construção de uma consciência moral e ética. Já Fagundes (2000) preocupa-se em diferenciar moral de ética, definindo o primeiro conceito como a maneira de se comportar diante de uma série de padrões, estabelecidos por cada cultura, aos quais o indivíduo deve se adequar. Já a ética tem por objetivo provocar uma reflexão, uma busca racional, ou seja, vai muito além da obediência às regras e normas sociais, priorizando uma reflexão sobre os valores.

No futsal fica evidente a importância de direcionar o trabalho de modo que, desde a iniciação esportiva, não só os fundamentos técnico-táticos, como também os valores estejam presentes. Respeito e companheirismo, por exemplo, devem ser norteadores do desenvolvimento do aprendizado não só no futsal como em outros esportes, sejam eles de rendimento, lazer, reabilitação ou educacional. Segundo Infante e Souza (2003) o homem cria e transforma sua vida a partir de seus valores, por isso a construção das atitudes do ser em meio à sociedade em que convive é tão relevante. Isso nos leva a pensar que se conseguirmos contribuir, por meio do esporte, para que nossas crianças e jovens cresçam com atitudes e valores que acreditamos serem adequadas para a sociedade atual, estaremos mais próximos do que Mazo (2011) afirma, de que tais valores deveriam estar presentes em todas as ações humanas.

2.4 METODOLOGIA DO ENSINO DO FUTSAL

O fenômeno esportivo infantil vem crescendo de modo significativo nos últimos anos. Pode-se salientar uma série de motivos que tem elevado este envolvimento com o esporte e conseqüentemente a procura pelas escolas de desporto. Sobre isso Felio (1997) afirma que uma das mais evidentes razões pelas quais as crianças procuram o esporte é o ambiente social. Por conta disto, muitos questionamentos em relação à função pedagógica e sociopolítico-cultural das escolinhas de iniciação esportiva têm aparecido também em estudos recentes. É sabido que a prática desportiva, neste caso, mais especificamente o futsal, pode trazer uma série de possibilidades, desenvolvendo o raciocínio rápido e as habilidades motoras gerais como locomoção, coordenação, manipulação e equilíbrio, além de promover a socialização dos praticantes e estimular o espírito de equipe, ou seja, além dos benefícios para o corpo, o esporte pode ser utilizado como forma de proporcionar oportunidades de inclusão social e cidadania para os jovens.

Segundo Voser (2003) é nesse cenário, onde o esporte pode contribuir para a formação do cidadão, que podemos observar a influência e a participação dos pais e profissionais de Educação Física como fator determinante no processo de aderência, permanência e até abandono esportivo do jovem iniciante. Conforme Machado (1997), a primeira influência que a criança sofre em relação à interação com a sociedade é a dos pais, sendo seguida pela escola, professores e outros grupos como equipes desportivas. Neste sentido, Marques (2000) afirma que o prazer e o bem-estar de praticar uma modalidade esportiva dependem diretamente do tipo de apoio que a criança recebe dos pais. De acordo com Paes (1992), para não se trazer sérias conseqüências à personalidade dos alunos, algumas características de ordem fisiológica, emocional, física e, social, precisam ser respeitadas pelo professor, uma vez que a criança é diferente do adulto, sendo mais dependente, sensível e, sobretudo, bastante vulnerável a influências dos outros.

Ainda sobre este assunto, Leal (2000) afirma que o principal papel do professor é estruturar o aprendizado em função das mudanças ocorridas durante todo o processo de desenvolvimento das crianças, criando uma atmosfera favorável de integração entre ele e as próprias crianças, uma vez que o professor possivelmente será o primeiro adulto fora da família a desempenhar um papel

central na vida destes alunos. O autor reitera que um fator determinante na experiência esportiva é o respeito e o entendimento na relação professor-aluno, pois os tipos de professores que a criança irá se deparar ao longo de sua trajetória podem facilitar ou dificultar seu aprendizado, muitas vezes trazendo o sentimento de frustração a esta criança.

Ao discorrer sobre escolinhas de iniciação esportiva e seus métodos de ensino, Melo e Melo (2008) faz uma crítica quanto à naturalidade da prática do futsal, salientando, ao citar várias situações oportunizadas pelo “jogar na rua”, que a liberdade existente há algum tempo atrás proporcionava inúmeras perspectivas de aprendizado, além de alegria e descontração. O autor segue afirmando que hoje com a perda desta liberdade, muitas vezes fica limitada a criatividade e o prazer dos alunos em detrimento do aprendizado do gesto técnico perfeito, pois as escolinhas em sua maioria acabam proporcionando situações previsíveis com o intuito de desde cedo especializar seus alunos, ao invés de aprimorar seu repertório motor.

Outro ponto importante a respeito da metodologia do ensino do futsal é destacado por Bracht (2000), quando este observa que há uma relação, defendida por muitos, entre o lúdico e o rendimento, sendo o primeiro idealizado enquanto o segundo é demonizado, como se um estivesse do lado do bem e outro do lado do mal. Seguindo seu raciocínio o autor esclarece que o lúdico é moldado culturalmente e, que este não existe em sua forma pura, podendo estar mais, ou menos presente nas práticas humanas. Kunz (1994) explica isto ao ressaltar que, caso os professores se proponham a ensinar o esporte baseado no modelo adulto, exacerbando a competição e o rendimento, as vivências de fracasso irão sobrepor-se às de sucesso, favorecendo apenas uma minoria. Nesta mesma linha Silva (2008) defende que o professor de Educação Física deve saber identificar as diferenças entre os objetivos do esporte de alto-rendimento e o escolar, tomando consciência e se apropriando daquele o qual possa ser o mais indicado para o contexto em que seus alunos estejam inseridos.

Já Gaya e Torres (2004), a partir do nível de rendimento, dos regulamentos e competições, afirmam que o esporte pode ser configurado de diferentes formas, sendo este, de alto rendimento (prática seletiva através do talento esportivo, mas sem deméritos em proporcionar diversas situações para o desenvolvimento social e moral dos praticantes), escolar (baseado principalmente na formação sobre valores, atitudes, habilidades e conduta humana), lazer (é quando são minimizadas a

formalidade e o rigor dos regulamentos, abrindo-se oportunidades para mudar forma, espaço, técnica e participação) e reabilitação ou reeducação (formas diferenciadas de regulamentos e competições devido às diversas possibilidades físicas, motoras e orgânicas dos participantes).

Para Lazzoli et. al. (1998) acredita que a Educação Física e o futsal, devem se apropriar de alternativas metodológicas que visem o incentivo da prática de atividade física prazerosa e agradável pela vida toda, ou seja, que estimulem hábitos de práticas corporais regulares, integrando as crianças sem discriminação dos menos aptos. Corroborando com tal pensamento, Silva (2008) defende que o educador físico tem também um papel formador e, que este deve incentivar práticas como a do futsal, no intuito de desenvolver cidadãos que procurem inserir a Educação Física e seus valores no cotidiano, fazendo com que isso vire um hábito em suas vidas. Sobre isso, Kunz (1994) diz que preparar o aluno para ser um praticante lúcido e ativo que incorpore vários componentes da cultura corporal de movimento em sua vida, é sim uma das tarefas mais relevantes do profissional de Educação Física.

Outros pontos relevantes salientados por Proença e Constantino (1998) e Mariovet (1998) são de que o professor de futsal pode e deve proporcionar situações que estimulem o espírito de superação dos limites, o autocontrole e a persistência que o competir, como parte fundamental do desporto, pode despertar nos alunos. Neste aspecto a derrota também se apresenta como componente essencial na iniciação esportiva, já que o fracasso pode servir de elemento educativo como Cagigal (1996) defende, afirmando que o “saber perder” significa um fortalecimento de atitude que desenvolve o espírito de superação, diferentemente do sentido derrotista comumente que o é atribuído.

Segundo Scaglia; Montagner e Souza (2001) a pedagogia do competir deve ser promovida de modo que os alunos constantemente busquem a superação individual e coletiva, sendo esta pedagogia da competição não somente a procura de resultados, mas sim uma busca pelo entendimento do valor do elo interpessoal e da humanização, além de equilibrar as relações entre prática e resultado, do valor sócio-cultural da vivência do competir. As afirmações de Sousa e Venditti Jr. (2009) demonstram que não podemos encarar a competição como objetivo final do processo de iniciação esportiva, mas que esta deve incorporar o caráter pedagógico e pautar a sistematização de nossos conteúdos.

A visão defendida por Marques (2004) é de que, uma vez que a competição é inerente às crianças em suas práticas esportivas, cabe ao professor preparar seus alunos para as dificuldades que perpassam o jogo, utilizando concomitantemente seus ensinamentos de valores e caráter atrelados à competição, utilizando-se de atividades que estejam de acordo com o público e fase de aprendizagem, de modo que estas crianças criem subsídios para futuras tomadas de decisão. O autor ainda afirma que a vitória e a derrota são estruturantes na formação da criança e que, por isso, não se deve afirmar que apenas a participação que é importante, pois assim o papel pedagógico da competição acaba sem sentido. Portanto, cabe aos professores e treinadores saberem usar a vitória e a derrota como instrumentos formadores. Na vitória deve ser trabalhada a questão de superação e de reverter frustrações e, na derrota, o meio de preparar o aluno para situações mal sucedidas. Deve-se então, constantemente avaliar se foi atingido o objetivo proposto, ou seja, estruturar objetivos adequados às etapas de desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo, de modo que vitória e derrota não sejam supervalorizadas, além do processo competitivo.

Voser (1999), afirma que apesar de a infância ser a melhor etapa para o aprendizado de habilidades básicas do desporto, deve-se cuidar este processo de ensino-aprendizagem chamado iniciação esportiva, para que se respeitem as etapas do desenvolvimento das crianças. Almeida (1996) por sua vez, divide a iniciação esportiva em três etapas: a iniciação esportiva propriamente dita, a fase do aperfeiçoamento desportivo e por fim a introdução ao treinamento. No primeiro estágio onde a criança encontra-se entre os 8 e 9 anos, o objetivo é a aquisição de habilidades motoras específicas e globais. Na segunda fase, entre os 10 e os 11 anos, o jogo assume um aspecto sócio-desportivo, o que possibilita além de ampliar o repertório de fundamentos básicos, a introdução de outros elementos mais complexos, como fundamentos técnicos, táticos e regras. Já entre 12 e 13 anos, na etapa final, o aprimoramento dos sistemas táticos, técnicas individuais e a obtenção e manutenção de qualidades físicas tornam-se cruciais, uma vez que o aluno já desenvolveu de forma significativa a sua capacidade intelectual e física.

Para que se alcance a todos, Azevedo e Shigunov (2001) entendem que, uma vez que há pluralidade nas formas de expressão dos praticantes, devemos sempre levar em conta essas diferenças entre os alunos, afim de que paradigmas possam ser quebrados ao visualizarmos o esporte infantil não somente como um, mas sim

dando sua diversidade, juntando todas as suas configurações, criando uma maneira que se adeque melhor ao grupo que está sendo desenvolvido o trabalho, tornando-o ao mesmo tempo mais divertido.

A respeito de qual é o processo de formação mais adequado, Saad (1997) se posiciona dizendo que este deve buscar o desenvolvimento geral das competências técnicas e táticas, pois é imprescindível a ampliação das capacidades cognitivas de percepção, antecipação e tomada de decisão. Fica clara a necessidade de que a criança aprenda movimentos básicos como correr, saltar e rolar, antes dos gestos técnicos, uma vez que a educação psicomotora é o alicerce do processo de aprendizagem. Em uma modalidade como o futsal, são necessárias para o aprendizado da técnica individual algumas aptidões como equilíbrio, ritmo, coordenação e noção de espaço e tempo. Nesta linha Melo e Melo (2008) defende que é função da iniciação esportiva focar na melhoria das capacidades coordenativas, as quais classificam em capacidades de diferenciação sensorial, de observação, de representação, de antecipação, de ritmo, de coordenação motora, de controle motor, de reação motora e de expressão motora. O autor segue afirmando que a variedade durante a fase de aprendizagem na escolinha de futsal é essencial para satisfazer o aluno, além de suprir suas necessidades de movimento, de mudança e sua curiosidade. Para tanto, torna-se evidente para o desenvolvimento motor da criança, que o professor desperte o entusiasmo e a motivação por meio de uma grande diversidade de informações motoras.

É sabido que se apresentam aos professores diversas metodologias de ensino para o desenvolvimento adequado das habilidades motoras de crianças e jovens. Uma proposta discutida por García (2009) aponta as metodologias de ensino em função da estratégia na prática, dividindo-as no estilo analítico (decomposição da tarefa em elementos) e no estilo global (execução completa da tarefa). A respeito destes métodos pode-se dizer que o primeiro, o analítico, se refere a decompor as tarefas em partes para um melhor aprendizado técnico, apresentando apenas um elemento que intervêm o jogo. Por conta do baixo nível de motivação, de melhora da percepção e de tomada de decisão, o ganho técnico proporcionado acaba não sendo tão significativo, afinal quase inexitem situações diversificadas devido à proposta das repetições. Já o método global se refere à execução completa da tarefa, quando todos os elementos intervêm (bola, adversário e companheiros). Propicia aos alunos alto grau de motivação ao incluir os componentes do jogo no

treinamento, maximizando rapidamente as aprendizagens tanto na percepção, quanto na tomada de decisão, pela imprevisibilidade causada pelos adversários, companheiros e pelo objeto do jogo. Em contra partida questões técnicas são deixadas de lado, criando um nível técnico abaixo do esperado.

Tenroller (2008) por sua vez aponta uma série de outros métodos, citando o analítico (ensina uma destreza motora por partes para depois uni-las), o global (ensina uma destreza motora apresentando seu conjunto), o misto (sincronia dos métodos global-parcial-global), o global em forma de jogo ou de confrontação (ensina a partir da prática do desporto como um todo), o global em série de jogos (ensina através de jogos adaptados), o recreativo (ensina através do lúdico), o transfert (ensina propondo mais de uma modalidade esportiva) e o da cooperação-oposição (ensina a partir do adversário). Já Voser (2003) define método como o caminho a ser percorrido para alcançar os objetivos propostos e, ao salientar que os métodos mais disseminados (analítico, global e misto) têm suas vantagens e desvantagens, defende que cada professor deve organizar seu próprio método, sempre partindo obviamente de diretrizes metodológicas seguras e atualizadas, ou seja, somente será realmente bom, aquele professor que, respeitando a realidade, o momento e as individualidades, buscar constantemente reinventar-se quanto ao método mais adequado para seus alunos.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Para responder ao problema de pesquisa formulado – **como as aprendizagens do percurso pessoal e profissional de um professor de educação física contribuem com sua atuação no ensino do futsal?** –, decidi pela realização de um estudo autorreferente, a autonarrativa.

Trata-se, portanto, de um estudo que contempla o reconhecimento das experiências e do percurso do próprio autor, neste caso, eu Pietro. A partir da leitura do artigo “O conhecimento de si, as narrativas de formação e o estágio: reflexões teórico-metodológicas sobre uma abordagem experiencial de formação de professores”, de autoria de Elizeu Clementino de Souza (2004), entendi que as narrativas constituem-se corpus de análise significativa da pesquisa, porque as mesmas apresentam um caráter específico sobre a entrada na escrita do processo de escolarização dos sujeitos, descrevem microrelações sociais e contém intencionalidades comunicativas expressas através das experiências de vida.

Ou seja, as experiências de vida se tornam fundamentais na compreensão e construção de um uma identidade de pesquisador e de docente. Em meu caso, neste estudo, a análise das minhas práticas na condição de professor de duas escolinhas de futsal em Porto Alegre/RS.

Uma escolinha ocorre em uma escola privada de ensino – da Rede Romano – e a outra no Clube do Professor Gaúcho. São duas práticas diferentes desenvolvidas com grupos singulares, com características próprias, que exigem planejamento singular e práticas de ensino também. Mas, como fui me constituindo professor de futsal e aprendendo com minha própria prática e com os conhecimentos produzidos por ela – e também na formação inicial em educação física – é o que me interessa tratar – narrar – aqui, neste estudo.

4 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

A partir deste ponto do estudo passo a narrar minha trajetória, meu percurso em relação às atividades profissionais próprias de um professor de educação física. Trato assim, desde minha opção pela educação física até este momento que estou vivendo, atuando em duas escolinhas de futsal. Início, então, minha narrativa e minhas aprendizagens.

Instantes antes de minha inscrição para o vestibular de 2008 foi quando de fato escolhi qual seria a faculdade que, mal sabia eu, cursaria pelos próximos seis anos. Obviamente, diversos fatores já contados na introdução deste trabalho contribuíram com esta escolha, mas devo salientar que meu apreço pela prática desportiva e o fato de ter passado o ano anterior todo longe dos estudos foram determinantes. Após ouvir inúmeras vezes minha mãe dizendo que eu deveria estudar algo relacionado ao esporte - ela costumava pegar no meu pé por eu assistir diversas vezes as mesmas notícias sobre futebol em diferentes programas esportivos e argumentava que desde pequeno sempre fui um “fominha” não podendo ver uma bola sem querer sair chutando - resolvi prestar vestibular para Educação Física.

De fato ela estava certa, o futebol sempre foi uma de minhas paixões e naquela época mais do que nunca eu estava conectado com o esporte, principalmente por conta da conquista de títulos importantes pelo meu time do coração. É neste contexto, com incentivo de minha mãe, dois anos afastado da escola, afinal havia me formado em 2005, vivenciando o esporte diariamente, que então presto vestibular para Educação Física e, algum tempo depois tenho a felicidade de saber que fui aprovado. Inclusive demorei alguns instantes até que a ficha caísse, quando deitado em um quarto de pousada em alguma praia do litoral norte gaúcho, fiquei sabendo da boa notícia de minha aprovação através do telefonema de um velho amigo.

Nem preciso contar a felicidade de minha mãe, que ao ouvir o diálogo já começou a bater na porta querendo me abraçar e felicitar. Mais tarde ela, meu pai e minha irmã arquitetaram um plano para me dar um trote. Compramos tinta, ovos, farinha, espuminhas e fizemos uma verdadeira guerra na beira da praia. Houve

também uma faixa de BIXO que trouxemos da praia para pendurar no portão de casa. Dali em diante passei a cobrar minha mãe, pois ela havia prometido como incentivo, caso eu passasse na universidade federal, um fusca, que algum tempo depois de fato virou realidade, mas isto será contado mais adiante.

Houve então um episódio inusitado, que sem dúvida marcou minha trajetória na ESEF da UFRGS, pois no primeiro passo que dei dentro desta instituição ouvi meus colegas veteranos gritando ao longe me esperando para dar o trote de boas-vindas. Devo dizer que nesta época eu tinha um visual não formal, ostentando uma vasta cabeleira que ia até o meio das costas e uma barba cerrada, que por vezes, dependendo do meu humor, tornava-se um vistoso cavanhaque. Frente a esta realidade, eis que surge um grito ao fundo “JESUS”. E assim fui nomeado por toda a vida acadêmica, mesmo agora, sem tais características visuais, o apelido - aceito de bom grado, diga-se de passagem, mesmo tendo um cunho religioso que não me cai muito bem - perdura. Aderindo ao espírito da brincadeira, por mais ambíguo que isto pareça, acabei profetizando enquanto estes me pintavam e marcavam como bixo “Pai, perdoai-vos, pois eles não sabem o que fazem!” para delírio de meus veteranos. O mais curioso é que havia me classificado na posição 34º, mas com a desistência de um dos candidatos passei a ser o 33º, o que acabou rendendo alusões à idade de Cristo quando foi crucificado.

Enfim iria começar minha jornada na Escola de Educação Física e, ao tentar lembrar quais eram minhas expectativas quando entrei no curso, acabo tendo dificuldades para recordar com exatidão o que pensava que iria encontrar perante aquilo tudo. Lembro-me só de estar curioso, com uma disposição enorme em crescer e aprender tanto profissionalmente quanto pessoalmente, a fim de ganhar não só em construção do conhecimento, como também na construção das relações com os colegas e com o ambiente, ampliando o conceito de educação na sua forma mais global. Sem dúvida estas construções seriam e foram determinantes ao longo de minha caminhada, o convívio com a diversidade, as diversas situações que a universidade iria propiciar tanto dentro como fora do contexto escolar, as amizades construídas graças aquele ambiente, por mais clichê que isto pareça, hoje percebo, que de certo modo a formação pode ampliar a visão de mundo, abrindo portas que não imaginávamos que pudessem ser abertas.

Outra incógnita para mim era o mercado de trabalho, uma vez que a única coisa que sabia era aonde eu não queria atuar, sem ter certeza de qual área

gostaria de trabalhar. Sempre soube que não queria atuar em academias de ginástica e musculação, talvez pelo fato de nunca ter passado nem perto de uma e, não conseguir me enxergar em um ambiente como este. Isto acabou por influenciar em minha opção pela licenciatura, ainda que a escola também não fosse algo muito atrativo. Lendo a respeito antes de fazer a escolha entre licenciatura e bacharel, deparei-me com esta questão em relação ao mercado de trabalho e confesso que meio sem saber – afinal só fui saber da real diferença entre um curso e outro após meu ingresso na universidade – escolhi a licenciatura, por me parecer que o campo de atuação abrangia mais possibilidades, mesmo que a ideia de trabalhar na escola nunca tenha me chamado a atenção, talvez por conta de minhas experiências escolares – em um colégio particular de classe média da zonal sul de porto alegre – em que o desrespeito dos alunos perante a autoridade do professor era constante. Então o que eu estava fazendo no curso de educação física se eu não queria atuar na escola e muito menos em academias? Só então descobri que a Educação Física abrangia muito mais do que isso, oportunizando uma série de possibilidades. Mais adiante pensei em atuar no rendimento, com o futebol e neste momento temi por ter escolhido a opção errada entre bacharel e licenciatura. Mas algum tempo depois me deparei com outra área que despertou grande interesse de minha parte: a recreação infantil. Sempre tive facilidade em lidar com crianças e esta aproximação com o lúdico foi a porta de entrada para que mais adiante eu acabasse participando efetivamente da área de estudo deste trabalho, a iniciação esportiva.

Muitas disciplinas foram importantes na construção do conhecimento durante esta minha jornada na ESEF da UFRGS, obviamente umas com maior relevância do que outras, dentre estas devo salientar primeiramente a disciplina de Introdução à Educação Física ministrada pela professora Janice Mazo, onde já no primeiro semestre deveríamos dar uma aula sobre o assunto de nossa preferência. Eu prontamente escolhi o futsal e, em minha primeira experiência docente dentro da universidade, mesmo que dando aula para os colegas, me saí relativamente bem. Lembro-me de ter recebido alguns elogios em relação à voz de comando, postura e incentivo. Isto foi algo significativo. No segundo semestre outra disciplina que norteou e auxiliou na construção da metodologia que eu viria a utilizar futuramente, foi a disciplina de Recreação I, ministrada pelo professor Clézio Gonçalves, onde pude ter uma visão ampliada do lúdico e de sua importância no ensino do esporte. No terceiro semestre optei por cursar então a disciplina de futsal, que talvez tenha

dado a maior contribuição em minha formação e na escolha do que eu faria lá adiante com relação à escolha de minha profissão. Ministrada pelo professor Rogério Voser, esta disciplina abordou questões pedagógicas por meio de inúmeras alternativas possibilitadas pelo esporte. Também merece destaque a disciplina de futebol, ainda que eu tenha tido que cursá-la mais de uma vez, onde o professor Alberto Monteiro discutia e enfatizava questões a respeito dos valores humanos. Recordo-me também, de nesta cadeira ter tido a possibilidade de exercitar de certa forma a prática docente, além de também ter colaborado com colegas que tinham certas dificuldades no planejamento do plano de aula, já que eu possuía alguma experiência com o futebol. Além destas disciplinas, a professora Helena em Educação Física Infantil e Fundamental trouxe algo novo que até então ainda não havia experienciado. A questão de dar aula fora da ESEF em uma creche, não para os colegas, mas sim para o real público que encontraríamos após a formação inicial. Por fim a série de estágios, um com a professora Denise (educação infantil) e os outros dois com o professor Fabiano (ensino fundamental e médio) também contribuíram com diversas aprendizagens, ainda que ao cursá-los eu já estivesse atuando como professor em outros espaços o que, por conta da experiência – mesmo não muito vasta – facilitava de certa forma as coisas.

Foi no ano de 2010, quando minha mãe já havia cumprido sua promessa e me presenteado com um fusca 1977 bege – por eu ter ingressado na universidade federal – que depois de ter passado por algumas destas experiências na faculdade, pude atuar na área de recreação de crianças em lugares como SOGIPA e MEGA FESTAS. A partir daí desperta meu interesse em trabalhar com este público, frente às inúmeras aprendizagens propiciadas por estes espaços. Até que um grande amigo, colega de faculdade vindo da serra, me oferece uma oportunidade em uma academia. Como já mencionei antes, nunca tive menor gosto pelo ambiente de academia, mas a verdade é que eu estava precisando de dinheiro e o aprendizado seria válido, ainda que em seguida eu viesse a saber que o trabalho consistia em “cuidar” da academia, ou seja, fazer a recepção e a social com os alunos. Apesar de meio contrariado, acabei aceitando a proposta e comecei a trabalhar. Passado algum tempo, já no segundo semestre do ano o professor que havia me contratado para ajudar na academia, faz uma nova proposta de emprego, dizendo que trabalhava em uma escolhinha de iniciação esportiva numa rede de colégios e, que ele estava à procura de um auxiliar. Prontamente aceitei a proposta, pois qualquer

destino seria melhor do que aquele onde a sensação de desconforto imperava, principalmente por eu não entender nada a respeito de musculação. Além do que, eu ainda poderia atuar no esporte me utilizando do lúdico, bastante presente na recreação, campo que eu já havia experienciado e gostado, uma vez que a proposta desta escolinha era de um olhar totalmente pedagógico, sem nenhum foco no rendimento.

E assim eu começaria minha jornada no ensino da prática do futsal. A rede de colégios em questão chamava-se Romano e possuía ter sedes, São Matheus, Bom Jesus e Santa Marta. Este último sendo o local em que eu iria trabalhar. A escolinha de futsal era terceirizada, mas funcionava dentro da escola, no ginásio, em horários extraclasse, comportando diversas turmas para alunos de diferentes idades. Após uma combinação prévia, ficou acertado que eu iria primeiramente até lá somente para assistir a aula dos alunos de 7 a 8 anos e, ver como funcionava a escolinha conhecendo a estrutura da escola. Fiquei com a ideia de que nem participaria da aula, no máximo auxiliaria com os materiais, mas digamos que não tenha sido bem isso que aconteceu.

“Assim que as crianças chegaram e formaram um círculo no meio da quadra, meu colega já me apresentou como novo professor da turma e me surpreendeu ao pedir para que começasse a atividade com as crianças. Felizmente eu não estava totalmente despreparado e havia pensado em algumas atividades recreativas que pudessem ser executadas por aquela faixa etária. Não posso dizer que daria para chamar de um plano de aula, afinal eu ainda não conhecia o contexto que iria encontrar e não pude considerar o que o outro professor estava trabalhando ou já tinha trabalhado até ali. Propus então um pega-pega em duplas para o aquecimento e um jogo dos números – onde as situações de oposição e de transição entre ataque e defesa são constantes – como parte principal da aula e, após uma pausa para água, fomos para o coletivo. Felizmente consegui fazer com que os alunos entendessem a proposta e participassem ativamente da aula. Ao final, voltamos ao círculo e novamente a conversa foi conduzida pelo meu colega, perguntando o que os alunos tinham achado da aula e do novo professor. As respostas foram quase unânimes em aprovação e ainda vieram acompanhadas por inúmeros abraços. Fiquei bastante orgulhoso por ser tão bem aceito logo de cara, conquistando rapidamente o carinho dos pequenos.”

No final das contas, durante esta primeira aula acabei assumindo o papel de professor titular enquanto meu colega ficou como auxiliar. Obviamente aquilo era um teste, não foi de graça que meu colega pregou-me esta peça, ele queria ver como me sairia diante daquela situação, descobrindo se eu estaria apto à vaga ou não. Felizmente o resultado foi positivo e o pedido para que eu retornasse e trabalhasse também com a turma de faixa etária entre 9 e 10 aconteceu. Mas diferentemente do que havia ocorrido com a primeira turma, onde logo que anunciado como professor já ganhei o respeito e carinho de todos me tornando uma referência, os alunos mais velhos demoram algum tempo até me enxergarem de fato como professor deles. Aqui pude vislumbrar que nem só de flores vive o professor, pois as mesmas crianças que diante de uma intervenção de meu colega logo se aquietavam, quando sob meu comando, constantemente testavam a autoridade, ignorando quase que todas minhas solicitações, mesmo que eu sempre tenha conduzido as atividades com pulso firme. A verdade é que por algum tempo perduraram as dificuldades com a faixa etária mais velha e a tranquilidade com os menores.

Posso dizer que foi um início um tanto quanto assustador, que me pegou meio de surpresa, fazendo com que eu percebesse que havia muito o que aprender. Tive então, plenas convicções de que apenas o conhecimento proveniente da faculdade não havia me preparado totalmente, mas que somente o exercício da prática poderia dar conta desta lacuna deixada pela formação inicial. Obviamente as disciplinas contribuíram para que eu me preparasse, mas a distância entre a prática e a teoria era enorme e, mesmo sendo avisado e orientado sobre os percalços de ser professor, descobri que as soluções seriam concretizadas frente à lógica de tentativa e erro e, não simplesmente pela proposta teórica. Diversas vezes me vi pensando “O que eu faço agora? Será que esta é a solução correta?” diante de situações controversas, mas acabei descobrindo que não existe uma só resposta, ou uma resposta pronta para a resolução de um conflito, e sim que o professor deve buscar alternativas adequadas frente a análise de todo o contexto envolvido para que as dificuldades possam ser superadas.

Neste contexto a parceria com o outro professor também foi de grande valia, uma vez que ele já estava a mais tempo no ofício, conhecia melhor as turmas e lidava com tranquilidade frente a algumas das situações conflituosas. Evidentemente acabei por me apropriar de certas condutas enquanto evitei outras, para que aos poucos eu fosse construindo a minha metodologia de ensino. Neste sentido acredito

que a troca de experiências foi bastante válida, sendo um bom exemplo disto a postura adotada frente a um acontecimento recorrente em minhas aulas.

“Os alunos – talvez incentivados pela mídia e jogadores famosos como Neymar, ou talvez para ganhar uma atenção extra – tinham o costume de a cada choque simular uma lesão e ficar algum tempo se contorcendo pelo chão. Eu ainda inexperiente despendia alguns minutos no atendimento destes alunos, até que fui alertado pelo outro professor e aos poucos tomei consciência desta prática e, percebi que 90% das vezes nada havia acontecido. Com olhos mais atentos voltados a esta questão e conhecendo melhor a turma – identificando quais alunos costumavam fazer isto – passei a distinguir com maior facilidade quando de fato um aluno tinha se machucado ou não, otimizando o tempo de aula, simplesmente pedindo para que levantassem aqueles que estavam simulando e atendendo apenas aqueles que de fato se lesionavam.”

Meu sentimento neste momento era de satisfação ao perceber que a cada dia as situações e dificuldades que os alunos me propunham seriam contribuições importantes na construção de meus saberes e, que mesmo perante estes percalços, a prática do ensino tornava-se cada vez mais prazerosa, despontando como um espaço em que, sem dúvidas, eu gostaria de permanecer atuando. O trabalho seguiu no ano de 2011 e, o outro professor e eu já estávamos em maior sintonia em relação ao planejamento das aulas. Por conta de eu ter a oportunidade de, desta vez, me fazer presente desde o princípio do ano, a relação professor/aluno também foi facilitada. Em contraponto, aqui talvez comece a apresentar-se o maior e mais constante conflito que venho encarando ao longo destes anos na prática do ensino do futsal, a não aceitação da derrota. Obviamente ninguém gosta de ser derrotado, o sentimento de fracasso realmente frustra, mas é importantíssimo que as crianças comecem a entender, por meio do esporte, a derrota como algo natural, afinal passaremos inúmeras situações de perda ao longo de nossas vidas. Não estou defendendo que o aluno deve conformar-se perante a derrota, mas sim saber lidar com isso superando tal situação, utilizando-se da experiência negativa como fator motivacional na busca pela melhora e, que este passe a reconhecer sua parcela de responsabilidade sem culpabilizar fatores externos como os colegas e/ou árbitros.

“O momento do coletivo é quando os alunos têm a oportunidade de pôr em prática tudo aquilo que eles conseguiram assimilar das atividades propostas ao longo da aula. Mesmo que eu deixe bastante claro que o objetivo principal neste

momento não é a vitória, alguns alunos não conseguem se desvencilhar da ideia de que a derrota irá significar o fracasso pleno. Apesar de não abordar o resultado como objetivo central de minhas aulas, minha intenção não é subestimar o valor da vitória, até porque assim também estaria desvalorizando a aprendizagem que a derrota pode trazer. Neste contexto um aluno em específico destaca-se pelo fato de não conseguir lidar com a derrota, trazendo com certa regularidade este conflito no decorrer das aulas. Seu humor e conduta estão atrelados diretamente ao resultado do jogo, uma vez que quando seu time ganha, tudo está certo e sem maiores problemas, mas a partir do momento em que seu time começa a perder, o comportamento deste aluno muda drasticamente e, apesar de meus apelos por calma, ele passa a reclamar dos colegas, xingando os companheiros, ignorando ou ironizando minhas solicitações e passando a ser cada vez mais individualista. Se em determinado momento eu fizer uma intervenção frente a uma situação de jogo que ele não tenha conseguido solucionar, ao orientá-lo, na tentativa de auxiliar na construção de diferentes alternativas, ele justifica-se botando a culpa nos colegas, ou em outros fatores externos, sem reconhecer seus próprios defeitos ou se permitir aprender pelo erro. Os outros alunos percebendo esta postura demonstram seu descontentamento ao se recusarem a ficar na equipe deste aluno, mesmo que este tenha um bom entendimento tático e técnico do jogo. O diálogo é uma das estratégias que utilizo durante as aulas e, diversas vezes intercedi conversando e debatendo com este aluno a respeito desta conduta, explicando que os próprios colegas não estavam querendo ficar em sua equipe, que o respeito deveria sobrepor acima de tudo, que ele deveria reconhecer seus erros, que a derrota é algo que eventualmente irá acontecer e que ele precisaria aprender a se utilizar desta como elemento de superação.”

Entendo que esta é uma situação recorrente durante o ensino da prática esportiva, que tento solucionar evitando propostas em que somente os vencedores sejam os beneficiados e os perdedores os prejudicados, como por exemplo, o “quem ganha fica na quadra”. Com a vivência de práticas como esta que narrei acima, fui aprendendo a mediar algumas das situações que, em princípio, não favorecem a aprendizagem de todos sobre o valor coletivo do esporte, para além disto, uma instrução que me esforço em repetir em minhas aulas é em relação a incentivar e auxiliar os colegas com maior dificuldade ao invés da cobrá-los, para que aqueles com mais facilidade compreendam que o grupo está em processo de aprendizado,

mas que nem todos aprendem ao mesmo tempo. Aqui talvez, a influência do futebol midiático seja relevante, uma vez que vemos o tempo todo – na televisão, jornais, revistas, etc. – críticas e julgamentos a respeito da performance dos atletas e das escolhas dos treinadores e, ao ver a naturalidade com que comentaristas, familiares e amigos costumam fazer estas análises de desempenho, as crianças talvez não consigam refletir a respeito das diferenças entre o esporte de rendimento e a prática da escolhinha e acabam por reproduzir o mesmo discurso preconceituoso e carregado de ofensas.

“Outro aspecto que considero importante na formação dos alunos e que frequentemente está presente em minha aula é a questão da autonomia. Frente a esta situação, procuro incentivar a tomada de decisão coletiva entre os alunos. Na busca por solucionar situações de conflito em que os alunos ofendiam-se entre si, baseado no discurso sobre os valores humanos, propus aos alunos que eles fossem os agentes atuantes e, decidissem quais seriam as regras e consequências mais adequadas quando nos deparássemos com algum caso de desrespeito. Sentamos em círculo no início da aula e debatemos, ouvindo diversas opiniões, até que foi sugerida por um aluno a solução. Todos votaram e, por maioria de votos, ficou decidido que aquele que faltasse com respeito tanto para com os colegas quanto para com o professor, em qualquer circunstância, seria punido com uma partida sem jogar (caso fossem 2 jogos) ou meia partida de fora (caso fosse um jogo). Fiquei realmente satisfeito com a postura dos alunos frente a esta nova experiência proposta em aula, não porque achei a ‘punição’ escolhida a mais adequada, mas sim pela maturidade apresentada pela turma no modo como decidiram. O fato de eles terem tomado a decisão, por conta própria, ao exercitar a autonomia e, se conscientizarem do problema – já que esta era uma situação que desagradava à todos – buscando solucionar de alguma maneira, foi realmente gratificante e ao mesmo tempo surpreendente.”

Ao mesmo tempo em que nessa narrativa interpreto que fiquei satisfeito com as atitudes dos alunos, por desenvolver a autonomia, entendo que o processo de aprendizado sobre o que ela é e como trabalhar com ela não é um tão simples assim. No ensino dos esportes coletivos, se trata de criar os meios para que cada um construa a sua autonomia diante da modalidade e em sua perspectiva relacional – como eu me relaciono comigo, com os outros e com o que aprendo – como a construção da autonomia coletiva, aquilo que é aprendido coletivamente e que eles

conseguem desenvolver, depois de algum tempo, por eles mesmos. Sobretudo, me parece que o principal nesta questão é que eles parecem não gostar da metodologia que propõe a autonomia, mas o contrário, que o professor diga tudo em todo momento, que oriente cada minuto, cada atividade, cada relação. Estes dias, por exemplo, fiz a proposta para que eles se reunissem e decidissem a escolha das equipes. Ao invés de escolherem os quatro melhores, como ocorre normalmente – quando eu confiro a eles o poder de escolha – pela seleção dos mais habilidosos, eles teriam que tomar decisões discutindo entre eles e definindo de maneira coletiva quatro equipes de níveis equivalentes. Esta autonomia toma tempo que eles entendem que deveria ser de atividade prática e não de diálogo. “*não faz isto sô, escolhe tu, escolhe tu*”, disseram alguns manifestando contrariedade com o trabalho autônomo.

Após um 2011 repleto de novas aprendizagens, surge a oportunidade de mais uma vez estagiar temporariamente com recreação, desta vez em uma colônia de férias no Clube do Professor Gaúcho. Uma vez que as escolinhas da rede Romano passavam os meses das férias escolares de verão fechadas e, esta folga forçada dos professores não era remunerada, me candidatei à vaga e, por conta da experiência com crianças, fui selecionado para compor uma equipe que ministraria as atividades recreativas durante os dois primeiros meses de 2012. Ao longo deste período, atuando como recreacionista, foram de grande auxílio as lembranças das diversas atividades que costumava brincar quando criança, algumas aprendidas nos anos em que participei do movimento escoteiro. Com a aproximação do final do contrato temporário, recebi a proposta para seguir trabalhando no CPG, graças à dedicação despendida por mim durante a colônia de férias. Por conta da experiência com futsal, fui convidado a estagiar nas escolinhas desportivas do Clube nas modalidades de futsal e vôlei, auxiliando o professor titular – que também havia coordenado a colônia de férias. Fiquei muito contente pelo reconhecimento, mas ao mesmo tempo expressei minha preocupação pelo fato de que talvez houvesse uma incompatibilidade de horários, uma vez que o trabalho das escolinhas da rede Romano seria retomado em março. Com a devida adequação de minha jornada de trabalho no Clube, proposta pelo Gerente de Esporte para que eu pudesse seguir tanto na rede Romano quanto no CPG, consegui felizmente conciliar as duas atividades. Frente a esta realidade, a partir de março de 2012 incorporei à minha rotina a universidade – quando começo a série de estágios, inicialmente passando

pela educação infantil – mais a escolinha no Colégio Romano – neste momento passo a atuar tanto na sede Santa Marta, como na sede Bom Jesus, localizada próximo a Avenida Antônio de Carvalho –, além da mais nova atividade no ensino do futsal no Clube do Professor Gaúcho.

Nestas determinadas condições um carro era bem mais do que um simples conforto e, o fusca 1977 já não conseguia suprir minha necessidade, uma vez que me deixava, com certa frequência, empenhado. Mas a situação agravou-se quando este mesmo carro ficou quase meio ano parado em decorrência de um acidente. A esta altura havia vezes em que, para conseguir dar conta de todas as atividades, eu acabava pegando até nove ônibus ao longo do dia. Dois para ir para o estágio no Bairro São José na escola Walter Silber, mais dois até a ESEF, mais um até o CPG em Ipanema, mais dois para o Colégio Bom Jesus e mais dois para voltar para casa. Não foi nada fácil conciliar tantas responsabilidades ao mesmo tempo, sendo por vezes bastante cansativo e desgastante, mas se fazia necessário, uma vez que não queria atrasar ainda mais minha formação e, nem diminuir minha renda mensal, muito menos perder qualquer uma das oportunidades de crescimento pessoal e profissional, afinal todos tinham contribuições significativas em meu percurso. Por tais motivos fui tendo que levar como podia, organizando tarefas e horários que por vezes inevitavelmente acabavam colidindo.

Entretanto, havia outro aspecto não podia ser esquecido, pois com todo o estresse decorrente de minhas jornadas diárias, a vida social servia como válvula de escape, trazendo um pouco de lazer diante de tantas responsabilidades. Pensando em diminuir o desgaste desta rotina, resolvo vender meu primeiro carro, para meses depois comprar um modelo mais atual e em melhores condições, um gol 1994. Já no segundo semestre do ano, o estágio obrigatório – agora no ensino médio – muda de local e passa a ser no colégio Inácio Montanha, localizado na Azenha, assim também facilitando meu deslocamento. Ainda assim a distância, o deslocamento, o trânsito, as despesas com gasolina, entre outros, foram aspectos que dificultaram esta caminhada e, nem mesmo eu sei como estava conseguindo conciliar tantas obrigações.

Em 2013, após renovar o contrato de estágio com o CPG, tive uma conversa com o professor do Colégio Romano e expliquei que não conseguiria continuar atuando nas duas sedes. Mesmo que ir até o Romano Senhor Bom Jesus exigisse um maior deslocamento de minha parte, em função dos dias e horários das aulas

passo a trabalhar somente nesta sede. Já em relação às atividades na universidade, acabo me matriculando em uma disciplina na ESEF, além de iniciar também último estágio obrigatório, no Ensino Fundamental na Escola Rio Branco. Inclusive, para conseguir adequar os horários do estágio com meus outros compromissos, foi preciso a compreensão e colaboração do professor Fabiano Bossle, além de uma barganha com a diretora da escola, aonde minha dupla e eu – é prática comum trabalhamos em duplas durante os estágios – teríamos que lidar com um desafio e tanto. Nós deveríamos ministrar aulas para a “turma problema” da escola, um 5º ano com grandes dificuldades nas relações interpessoais, só então, sob estas condições minhas solicitações foram aceitas.

Neste ponto acredito que caiba contextualizar um pouco cada um dos locais em que passei a atuar a partir de então. A escolinha de futsal da rede de Colégios Romano apesar de ser destinada apenas aos estudantes desta instituição e, utilizar-se do espaço da escola, é terceirizada, não tendo relação com a educação física escolar. É uma atividade complementar, que serve como atrativo da escola na perspectiva de adesão de novos alunos. Apesar disto, o descaso por parte da administração Salesiana como, por exemplo, em relação aos cuidados com a quadra desportiva, de certo modo prejudicam o ensino da prática do futsal na rede de colégios. Já os materiais que estão à disposição de professores e alunos durante as aulas, são disponibilizados pelo coordenador da escolinha e, apesar de a quantidade estar reduzida, são de ótima qualidade e possibilitando uma série de alternativas. Em cada uma das sedes, pelo menos dois professores ficam responsáveis pelas atividades, atuando separadamente ou em conjunto, constantemente debatendo a fim de trocar experiências sobre a prática do ensino. Estes ainda são encarregados de organizar, com alguma frequência, campeonatos de integração entre as sedes ou entre outras escolas que possuam a mesma metodologia.

No Clube do Professor Gaúcho a estrutura proporcionada é de indiscutível qualidade e, os espaços como o ginásio – com quadra de futsal, vôlei, basquete e badminton – campo futebol 7 e quadra de areia que são disponibilizados às escolinhas, encontram-se em ótimo estado de conservação. O CPG ainda dispõe de materiais em grande diversidade e abundância, o que facilita o trabalho independente do tamanho do grupo de alunos. Um professor titular e mais dois estagiários ficam encarregados de ministrar aulas nos turnos da manhã e da tarde, sendo que todos três reportam-se ao coordenador de esportes. Lá disputamos dois

tipos de campeonatos, os voltados à integração e à ludicidade do esporte, que são para todos e, os competitivos, somente para aqueles que já apresentam maior nível de compreensão técnica e tática do esporte. Além disto, um trabalho social, que foca na construção de oportunidades para meninos de baixa renda familiar e que se destacam na modalidade, também é muito bem conduzido no CPG.

Outro aspecto que entendo que seja importante esclarecer aqui, diz respeito ao contexto que encontro em cada uma das turmas em que venho trabalhando ao longo deste ano. Na sede Bom Jesus, da rede de Colégios Romano, passo a trabalhar com duas turmas, uma com estudantes do 5º ano – que já era meus alunos desde o ano anterior – e outra com crianças de jardim até 2º ano. Cada turma é constituída em média por 20 alunos, com uma hora e meia de aula na segunda e na quarta para os mais velhos, enquanto os pequenos têm suas aulas durante duas horas apenas na sexta feira.

Esta turma de 5º ano possui alunos de 10 a 11 anos e, diferentemente daquela outra em que havia trabalhado há alguns anos atrás, é de certo modo um grupo bastante tranquilo, que com alguma facilidade passa a me reconhecer como seu professor, construindo uma relação de carinho e respeito. A maior parte dos estudantes já consegue manter um diálogo maduro tanto entre eles quanto com o professor, demonstrando interesse e empenho ao participar das atividades propostas. Pelo fato de contar com a confiança deste grupo, tive oportunidade de testar e por em prática durante as aulas, as diversas aprendizagens construídas também em outros espaços. Outro aspecto interessante desta turma é a presença de duas meninas no grupo, que por sinal se destacam como lideranças entre os alunos, uma vez que possuem ótimo entendimento das práticas orientadas pelo professor. Isto só reforça a já supracitada maturidade por parte destes estudantes, que não apresentam qualquer preconceito relacionado a questões de gênero, algo bastante comum entre crianças desta faixa etária.

Já com a turma constituída de alunos do jardim até 2º ano, com crianças de 6 a 8 anos, procuro trabalhar, mesmo que sempre inserido em um contexto lúdico, alguns aspectos do futsal que deixem os alunos mais livres para os primeiros contatos com a bola. O maior obstáculo que surge ao trabalhar com esta turma é a concentração, afinal nesta idade há uma enorme facilidade com que as crianças se dispersam, sendo a mudança rápida das atividades uma das alternativas da qual me utilizo, no intuito de motivar os alunos incentivando-os ao desafio.

Em ambas as turmas, busco fazer um trabalho bastante voltado ao resgate de valores humanos, trabalhando o respeito como base inicial de minhas aulas, sem deixar, obviamente, elementos técnicos e táticos do ensino da prática do futsal de lado. Entendo que é importantíssimo potencializar algumas questões pedagógicas, priorizando a cooperação e o trabalho em equipe, sempre respeitando os níveis de aprendizado e a evolução de cada aluno. Também costumo promover uma série de rituais – como organizar a turma em um grande círculo de debate tanto no início quanto no final da aula –, que auxiliam num melhor entendimento por parte dos alunos das normas, regras de comportamento, e também consequências e punições de determinadas atitudes. Ainda com estas turmas, por conta de ter eu total autonomia na decisão dos planos de aula, o processo de planejamento e preparação dos conteúdos abordados é facilitado, uma vez que após identificar ao longo das aulas, consigo objetivar a melhora de dificuldades específicas dos alunos.

No Clube do Professor Gaúcho também ministro aula para duas turmas, trabalhando eventualmente em uma terceira ao substituir o professor titular. Uma das turmas com que trabalho os alunos estão na faixa etária entre 6 e 8 anos, enquanto na outra entre 9 e 12, ambas com uma média de 20 alunos. Nesta primeira turma, com os menores, não encontro tantas dificuldades quanto no colégio, talvez pela circunstância de existirem diferenças, proporcionadas pelo ambiente, nas relações construídas entre os alunos. Na escolinha, por exemplo, as crianças se encontram apenas nos dias de treino – que acontecem no máximo duas vezes por semana – vislumbrando uma oportunidade de vivenciarem, de fato, o futsal, enquanto que na escola os alunos passam muito mais tempo juntos e, ao se reunirem na aula de futsal, assim como nas aulas de educação física, enxergam uma oportunidade de brincar livremente. Não que os alunos do Clube não possuam um forte vínculo de amizade, pelo contrário, sem dúvidas esta ligação está presente naquele ambiente, mas talvez esta tenha uma menor interferência na dimensão atitudinal pelo fato de passarem menos tempo juntos se comparados aos alunos da escola.

Já, na turma dos mais velhos, em virtude do bom nível de compreensão dos alunos, o trabalho elaborado busca fundamentalmente oportunizar as crianças o exercício de capacidades como o raciocínio rápido e a tomada de decisão. Os alunos desta turma, talvez em decorrência de ter uma idade um pouco mais avançada, apresentam um diálogo maduro e um nível de motivação excelente, além

de questões comportamentais já terem sido quase que totalmente superadas. A partir de agora relato sobre um aluno, que justifica a palavra “quase” em minha frase anterior.

“Durante uma de minhas aulas, um aluno novo apresenta-se no intuito de fazer uma aula experimental e, como de praxe participa das atividades normalmente. O garoto retorna a escolinha, desta vez para inscrever-se definitivamente na modalidade de futsal. Logo nas primeiras semanas em que o menino participa das atividades percebo que o temperamento explosivo e a falta de interesse são características presentes em sua personalidade. Ao propor uma atividade ao grupo, este aluno seguidamente afirmava que não queria fazer, ou simplesmente fazia de má vontade, ou ainda quando resolvia executar determinada prática com afinco e, seus companheiros erravam, desferia duras críticas e xingamentos. Frente a esta situação, utilizando o diálogo como ferramenta – considero este um objeto central de minha prática docente – de aproximação, o questiono sobre os motivos daquela postura. A partir das respostas que o menino traz, passo a compreender um pouco melhor todo o cenário que estava diante de mim. Esta criança de apenas 12 anos, em decorrência de alguns problemas psicológicos fazia acompanhamento terapêutico e buscava no esporte algum tipo de melhora. O problema é que esta busca não era consentida pelo aluno, mas sim imposta pelos pais, ou seja, o menino não queria estar ali, fazendo aquela prática de modo forçado. Só então percebi que perante a mim apresentava-se um desafio, que me obrigava a tentar superar certas dificuldades, despertando naquele menino o prazer da prática do desporto coletivo. A partir de então tive de me reinventar a cada aula, trazendo diversas situações que pudessem motivar ainda mais ele e os colegas, além de ter longas conversas explicando que minha função ali era de auxiliá-lo também na construção de relações com os colegas, para que ele pudesse vir a ser mais sociável em um futuro breve.”

Neste sentido aparece outro conflito recorrente em minha vivência na prática do ensino do futsal, a influência dos pais é determinante no comportamento das crianças. Além da imposição, da cobrança e das expectativas que os pais depositam em seus filhos, a postura dos pais durante treinos e competições pode interferir não só na performance dos alunos, como também em todo entendimento do jogo de um modo geral.

Mesmo diante de situações como esta, entendo que a realidade do CPG é um pouco diferente, talvez por eu ainda não ter conseguido estabelecer, acima dos

antigos hábitos cultivados na escolinha, minha metodologia de ensino, ou então pelo fato de dividir as decisões com outro estagiário que teve e, ainda tem um forte vínculo com o rendimento. Ainda sobre isto, percebo diferenças metodológicas inclusive em relação à metodologia do professor titular, que se esforça em trabalhar questões pedagógicas em suas aulas, mas ainda assim tem preferência pelo treinamento de equipes desportivas voltadas à competição. Um bom exemplo são os rituais da escolinha, que tem uma visão mais prática – ao final da aula, por exemplo, os alunos apenas alongam e são liberados, sem fazer o *feedback* da aula – e não oportunizam tanto aos alunos a questão que vejo como central em minha didática, o diálogo. Obviamente busco em minha prática abordar questões de coletividade e cooperação, sob a perspectiva de jogos e brincadeiras educativas, sem focar na performance. Assim tento igualmente o resgate dos valores humanos, mas apesar do bom vínculo e da relação professor/aluno estar bem estabelecida, sinto que naquele ambiente não consigo ter a profundidade pedagógica que alcanço no colégio. Infelizmente, o compartilhamento da turma com outro professor que deveria auxiliar na construção de objetivos mais concretos para o desenvolvimento dos alunos, acaba dificultando a organização de uma sequência de conteúdos para as aulas, ainda que esta divisão de responsabilidades facilite a manutenção da ordem dos alunos.

Por fim, entendo que as atividades desenvolvidas nos diferentes ambientes e com diferentes pessoas tornaram minhas práticas com o ensino do futsal muito representativas em minha formação como professor de educação física. As narrativas permitem ao pesquisador revisitar estas experiências e retomar as aprendizagens, algo do tipo: afinal, o que aprendi com tudo isto? A compreensão sobre o que ensinar e quando são centrais neste estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de Curso de Educação Física abordou pelo método autonarrativo das aprendizagens construídas em meu percurso profissional – e também o pessoal – sobre o ensino do futsal. Para tal, formulei o seguinte problema de pesquisa: *Como as aprendizagens do percurso pessoal e profissional de um professor de educação física contribuem com sua atuação no ensino do futsal?* Busquei compreender de que forma as aprendizagens interferem na minha atuação, no cotidiano das práticas que são desenvolvidas nos ambientes de trabalho de duas escolinhas de futsal: uma do Clube do Professor Gaúcho e outra da Escola Romano.

Destaco, inicialmente, que o reconhecimento de minhas experiências e práticas com futebol e futsal, desde a infância, foram fundamentais para a definição das escolhas profissionais que fiz e para a constituição de uma identidade docente que conduz para o ensino dos valores no futsal. Esta é minha bandeira! Este é um traço de minha identidade docente que fica evidente na análise das narrativas que ilustram meu estudo. Ou seja, muito mais do que um “treinador”, que pensa a performance e o rendimento com vistas à vitória, minha preocupação tem sido o compartilhar de valores coletivos que promovam a formação de cidadãos. Entendo que esta questão é singular em meu percurso profissional – e pessoal.

A investigação narrativa permitiu compreender a relação indissociável entre o percurso pessoal e profissional. Não sou – e nunca fui – tão preocupado com as questões competitivas em meu próprio percurso pessoal, portanto, não haveria de ser em meu percurso profissional. Entendo que a interpretação sobre mim mesmo e sobre como ensino futsal é um exercício extremamente potente que permite que cada um se entenda melhor e possa refletir sobre seu próprio processo de ensino da modalidade, ao reconhecer-se no que ensina aos outros. Se foi bom para mim, em meu percurso pessoal e profissional, poderá ser para meus alunos. Por exemplo, algumas disciplinas em minha formação inicial em educação física foram mais importantes que outras porque eu mesmo já estava vivenciando na prática algumas situações e conflitos apresentados no campo teórico.

É o caso das excelentes disciplinas de futsal e de pedagogia do esporte, que foram fundamentais para minha formação. Em futsal, por exemplo, aprendi muito sobre a metodologia do ensino do futsal e sobre didática, pois houve preocupação com o ensino da modalidade e sobre o “como” ensinar, que é mais amplo e serve para diferentes modalidades, para o esporte de um modo geral. E, no caso de pedagogia do esporte, há reflexões e conteúdos sobre valores que convergiram com minhas próprias práticas. A formação inicial ocorreu de modo paralelo às experiências na prática do ensino do futsal, isto foi fundamental para que eu pudesse desenvolver uma certa autonomia na compreensão sobre como ensinar futsal, pois tive que buscar por mim mesmo alguns conhecimentos. Por exemplo, mesmo reconhecendo o limite de minha interpretação, as atividades de microensino desenvolvidas nas aulas, por si só, não seriam suficientes para dar conta das demandas e conflitos que vivi nas práticas cotidianas das duas escolinhas.

Outra questão importante é que quando iniciei o estudo não esperava me deparar com a reflexão que leva a descoberta de novas estratégias para ensinar futsal. À medida que fui me narrando e me lendo, fui refletindo sobre meu processo de planejamento das aulas, com minhas decisões e avaliações pedagógicas. Portanto, entendo que os estudos autorreferentes, como é o caso da autonarrativa que apresento, são extremamente potentes para o pesquisador que aprende em sua pesquisa. A partir do momento que estava analisando o que estava escrevendo, foi desencadeado um processo de atenção maior com o que estava fazendo e porque, tendo o processo analítico do estudo ao mesmo tempo em que desenvolvia minhas atividades nas escolinhas.

Por fim, considero que este tipo de estudo autonarrativo é excelente para finalizar um processo de formação inicial de professores, pois permite refletir sobre o que é ensinado no Curso de Educação Física, os caminhos de cada percurso profissional e pessoal e sobre o que e como aprendemos para atuar neste campo profissional, que depende de constante avaliação e formação. Ao finalizar este estudo é possível dizer, pelas narrativas presentes no estudo, como construí minha identidade profissional para ensinar futsal, contemplando saberes da experiência pessoal, da formação inicial e da vivência expressiva no cotidiano de duas escolinhas desta modalidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, F. R. **Valores presentes na prática do *rugby* em um clube de Porto Alegre**. (Trabalho de conclusão de curso). Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ALMEIDA, L. T. P. Iniciação Esportiva na escola: a aprendizagem dos esportes coletivos. **Perspectivas em Educação Física Escolar**. Niterói, n. especial, 1996. Disponível em: http://www.uff.br/gef/tadeu_esp.htm Acesso em: 08 set. 2013.

ALMEIDA, M. A. B. **Esporte e sociedade**. Revista Digital, Buenos Aires, v. 14, n. 133, jun. 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 22 set. 2013.

APOLO, A. **Manual Técnico Didático de Futsal**. São Paulo: Scortecci, 1995.

AZEVEDO, E.; SHIGUNOV, V. **Reflexões sobre as Abordagens Pedagógicas em Educação Física**. Mestrado (Dissertação em educação física) – Centro de Desportos/Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 34-40, 2000.

CAGIGAL, J. M. **Obras selectas**. Madrid: Comité Olímpico Español, 1996.

CALDEIRA, A. M. S. A formação de professores de educação física: quais saberes e quais habilidades?. **Rev. Bras. Cien. Esporte**, v. 22, n. 3, p. 87-103, maio 2001.

FAGUNDES, M. B. **Aprendendo Valores Éticos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FELIU, J. C. **Psicología del deporte**. Madrid: Síntesis, 1997.

FIGUEIREDO, V. **A História do Futebol de Salão, origem, evolução e estatísticas**. Fortaleza: IOCE, 1996.

FIGUEIREDO, Z. C. Formação Docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber. **Movimento**, Porto Alegre, v.10, n.1, p. 89-11, jan/abr. 2004.

GAYA, A.; TORRES, L. O esporte na infância e na adolescência: alguns pontos polêmicos. In: GAYA, Adroaldo; MARQUES, António; TANI, Go. (Org.). **Desporto para crianças e jovens**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 57-74.

GARCIA, R. P. Desporto e valores. In: CONGRESSO NACIONAL - **O Desporto em Ano de Mudança: Desafios da Educação e da Cidadania**. Câmara Municipal de Gaia, Universidade do Porto, abr. 2004.

GARCÍA, P. Métodos de ensino e destrezas de comunicação no ensino do tênis. In: BALBINOTTI, Carlos *et al.* (Org). **O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 46-60.

HESSEN, J. **Filosofia dos Valores**. Coimbra: Almedina, 2001.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

IBAÑEZ, R. **Valores, Objetivos y Actitudes en Educacion**. Valladolid: Miñon Editorial, 1976.

INFANTE, V. S.; SOUZA, R. L. Sobre os valores humanos: Uma hierarquização empírica. In: **Revista Espaço Acadêmico**, v. 2, n. 21, fev. 2003.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LAZZOLI, J. K. et al. **Atividade física e saúde na infância e adolescência**. *Rev Bras Med Esporte* [online]. v.4, n.4, p. 107-109, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-86921998000400002&script=sci_arttext
Acesso em: 14 out. 2013.

LEAL, J. C. **Futebol, Arte e Ofício**. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

LUCENA, R. F. **Futsal e a Iniciação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

MACHADO, A. A. **Psicologia do Esporte: temas emergentes**. Jundiaí: Ápice, 1997.

MARIVOET, S. **Aspectos sociológicos do desporto**. Lisboa: Livros Horizonte, 1998.

MARQUES, A. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e de educação. . In: GAYA, Adroaldo; MARQUES, António; TANI, Go. (Org.). **Desporto para crianças e jovens**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 75-96

MARQUES, M. G. **Estudo descritivo sobre como adolescentes, atletas de futebol e ténis de Porto Alegre, percebem a psicologia do esporte**. Dissertação de Mestrado. UFRGS, Porto Alegre: 2000.

MAZO, J. P. **Valores no esporte juvenil: um estudo com jovens participantes e, projetos pró-sociais no município de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2011.

MELO, R. S.; MELO, L. B. S. **Ensinando o futsal**. Rio de Janeiro: Sprint, 2008.

MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. 5.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1982.

MORENO, L. F. **O ensino do rugby para crianças e jovens de 9 a 14 anos: relato de experiência**. (Trabalho de conclusão de curso). Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do futsal**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

PIAGET, J. **Sagesse et Illusions de la Philoshopie**. P.U.F., Paris, 1965.

PROENÇA, J.; CONSTANTINO, J. P. **Olimpismo, desporto e educação**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 1998.

RESWEBER, J. P. **A filosofia dos valores**. Coimbra: Almedina, 2002.

REVERDITO, R. S. et al. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a prática**, v. 11, n.1, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/viewArticle/1207> Acesso em: 18 out. 2013.

SAAD, M. **Futsal: iniciação, técnica e tática**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1997.

SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C.; SOUZA, A. J. Pedagogia da competição em esportes: da teoria à busca de uma proposta prática escolar. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 20-30, 2001.

SCAGLIA, A.; GOMES, R. M. O jogo e a competição: investigações preliminares. In: VENÂNCIO, S.; FREIRE, J. B. **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SCHÖN, D. **Formando o Profissional Reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, N. A. **O Futsal na Área Escolar**. Disponível site: <http://www.webartigos.com/artigos/o-futsal-na-area-escolar/3828/>. Publicado em 23 de janeiro de 2008.

SOUZA, M. A.; VENDITTI JR., R. Iniciação esportiva no Programa Segundo Tempo: perspectivas teóricas, reflexões e proposta metodológica para os fundamentos do Basquetebol. **Movimento e Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, São Paulo, v. 10, n. 14, jan/jun 2009.

SOUZA, E. C. O Conhecimento de Si, as Narrativas de Formação e o Estágio: reflexões teórico-metodológicas sobre uma abordagem experiencial de formação inicial de professores. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. **A Aventura (auto)Biográfica: teoria e empíria**. Porto Alegre, EDIPUCRS, p. 385-418, 2004.

STRAPASSOLA, Lidiane; RUSCHEL, Caroline; KREBS, Ruy Jornada. **Estudo da ansiedade e da motivação de atletas infanto-juvenis de natação**. Monografia (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Curso de Educação Física, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.pergamumweb.udesc.br/dados-bu/000000/00000000000D/00000D10.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2013.

TEIXEIRA JÚNIOR, J. **Futebol de Salão**: Uma Nova Visão Pedagógica. Porto Alegre: Sagra, 1992.

TENROLLER, C. A. **Futsal: Ensino e Prática**. Canoas: Editora Ulbra, 2004.

UFRGS. **Projeto Político Pedagógico do curso de licenciatura em Educação Física**. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

VIEIRA, S.; FREITAS, A. **O que é futsal**. Casa da Palavra, 2007.

VOSE, R. C. **Futsal: Princípios Técnicos e Táticos**. Canoas: Editora da Ulbra, 2003.

VOSE, R. C. **Iniciação ao Futsal: Abordagem Recreativa**. Canoas: Editora da Ulbra, 1999.